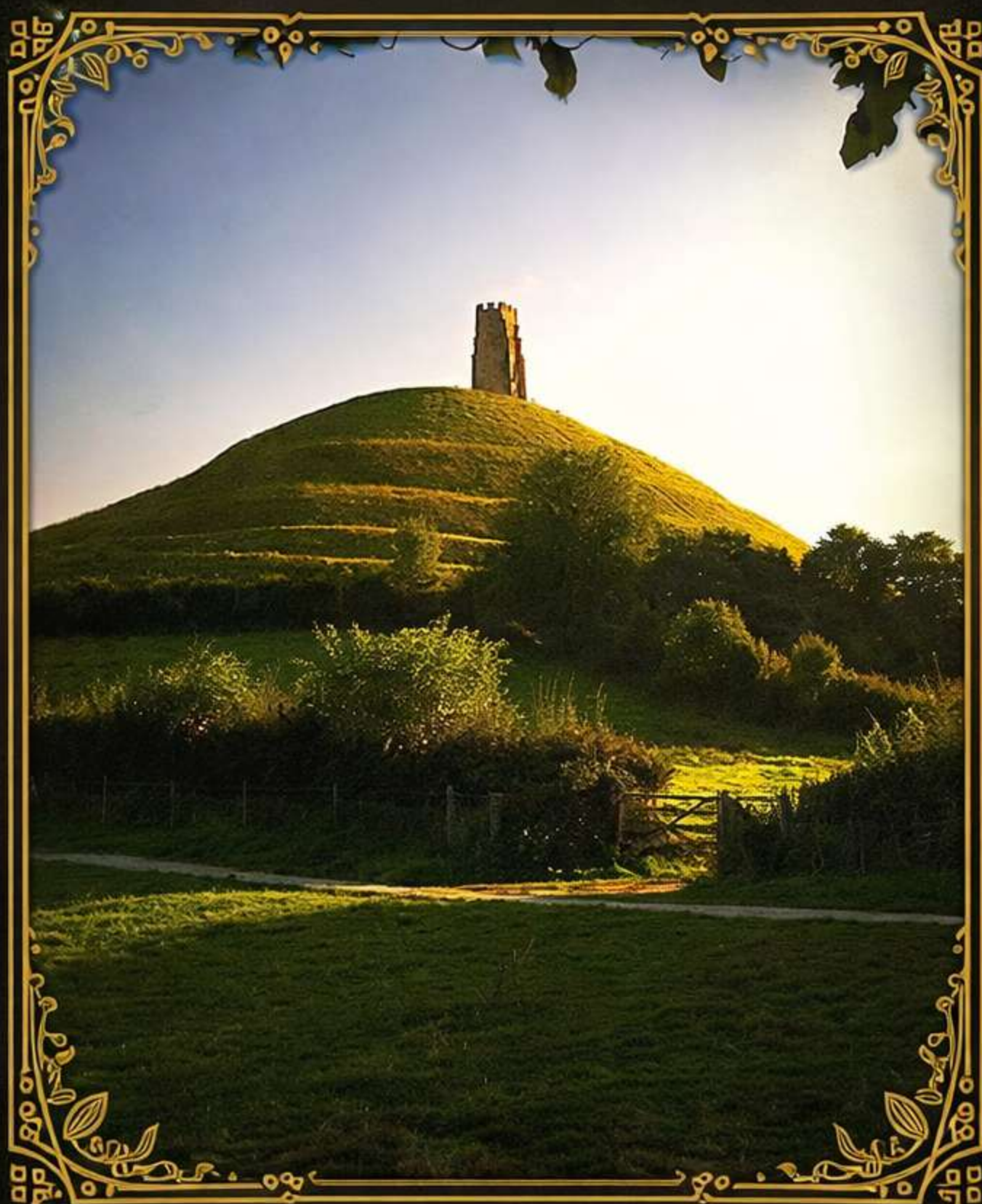


A COLINA DA VISÃO



Frederick Bligh Bond

Texto de John Alleyne
Tradução: Amadeu Antônio

(Pseudônimo de John Allen Bartlett)

Uma Previsão da Grande Guerra e da Revolução Social com o Advento da Nova Raça

Recolhido a partir de Escritas Automáticas Obtidas entre 1909 e 1912, e também, em 1918, pela mão de John Alleyne, sob a supervisão do autor

Por Frederick Bligh Bond

Texto por **John Alleyne**

**DIREITOS DE AUTOR, 1919,
MARSHALL JONES COMPANY**

PREFÁCIO

No final do verão de 1908, encontrava-me hospedado na Abadia de Erdington, uma casa beneditina perto de Birmingham, e enquanto ali estava, o meu amigo Dom John Chapman, o hospitaleiro, mandou chamar outro arquitecto, o Sr. F. Bligh Bond, para que viesse à Abadia contar-me acerca de certos acontecimentos muito extraordinários que então decorriam nas antigas e sagradas ruínas de Glastonbury.

Dom Chapman conhecia bem a minha devoção por Glastonbury, e pareceu-lhe que o Sr. Bond era um espírito afim; naturalmente, aguardei a sua chegada com o mais vivo interesse. Visitei pela primeira vez aquele lugar santíssimo da Grã-Bretanha no ano de 1886, e desde então, sempre que vinha a Inglaterra — umas sete ou oito vezes no total — voltava lá. Desde o início, o local impressionou-me profundamente pela sua influência quase mística: parte devido à sua augusta e vasta história, parte por uma tradição vaga e evocativa, e parte pela sensação de que a história não estava concluída, mas que de algum modo “estes ossos mortos poderiam reviver” e a Abadia em ruínas poderia ressurgir.

Visitei o local até à linha oriental da obra do Abade Bere, e o túmulo de “Radulphus Concellarius”, com o crânio de “Eawulf, Jarl de Edgarley”, estava ainda aberto à minha vista. Examinei cuidadosamente os alicerces da Capela e o fragmento da abóbada em leque encontrado no centro dos alicerces, com vestígios de pigmento vermelho desbotado e folhas de ouro — único vestígio do “tecto em ouro e carmesim, muito engenhoso” referido na escrita automática de 16 de Junho de 1908. Nessa altura, também me mostraram alguns dos escritos originais e foi-me dada uma descrição completa das circunstâncias em que tinham sido produzidos.

Não voltei a Inglaterra até Abril de 1912, quando fui novamente a Glastonbury, onde Bond havia alugado uma casa para poder supervisionar de perto as escavações, que então já se estendiam ao grande claustro, ao refeitório e à

extremidade ocidental da igreja da Abadia, tendo sido feitas muitas descobertas de grande interesse arqueológico. Nessa ocasião, vi a totalidade dos escritos, que recorro serem mais de cem páginas em formato legal, muitos deles num latim monástico corrupto e coloquial. Antes de partir, instei Bond a escrever toda a história para publicação, devido ao seu interesse único, oferecendo-me para o fazer eu próprio caso ele recusasse.

Na altura, ele hesitou, apresentando muitas boas razões para que a publicação fosse adiada. Há um ou dois anos, escreveu-me dizendo que decidira publicar apenas os escritos automáticos que se referiam especificamente à Abadia, e assim surgiu o notável livro *The Gate of Remembrance* (Oxford, B. H. Blackwell; Nova Iorque, Longmans, Green & Co.).

Mal este primeiro trabalho foi concluído com sucesso, pareceu que as fontes de energia psíquica se haviam libertado, e durante cinco anos surgiu uma enorme quantidade de escritos variados, em parte em “latim monástico”, em parte em inglês do século XVI, juntamente com mais esboços — desta vez de uma capela completamente diferente, da qual não restava qualquer traço visível, e cuja existência ainda não foi comprovada pelas escavações necessárias.

Estas comunicações espectrais eram assinadas por “Johannes Bryant, monachus et lapidator”, pelo Abade Bere, pelo Abade mártir Whiting (que assina “Whyttinge”) e por muitos outros religiosos. Contudo, desde cedo, a escrita difícil era ocasionalmente interrompida por uma caligrafia mais clara e firme. Essas comunicações geralmente pouco tinham a ver com a Abadia e apresentavam assinaturas estranhas, como “Nós que somos os Vigilantes”, “Um dos Controladores das coisas que são”, “O Sem Nome” e “O Guardião das coisas que são como deveriam ser”.

Entre estas, surgiu subitamente a assinatura audaciosa “Imperator”, depois “Caesar Aug.” e “Caesar Augustus, Pacificator et Imperator”. Tratava-se, evidentemente, de uma personalidade algo dominante e até irritadiça (?) que, em certa ocasião, exclamou: “Rede, não o disse. Não disse Ralph do rei Henricus, mas Ralph o Normando. Taedet damnosum. Lege! — Imperator. Audi me, barbari stultissimi! Ego Imperator qui feci interpretationes pro anima insularium. — Caesar.”

Foi dele e das várias abstrações acima nomeadas que se receberam as surpreendentes comunicações. O primeiro indício, contudo, provém do encantador “Johannes monachus”. Esta mensagem foi recebida a 30 de Dezembro de 1907; a primeira parte é totalmente ilegível, depois torna-se clara e continua assim:

“...A Capela de Nossa Senhora de Glaston — símbolo de coisas espirituais que não vos são manifestas. As mudanças não vos devem alarmar. As reconstruções serão tanto mais perfeitas. Que o Estado caia em ruínas e que as vestes exteriores da Fé pereçam — não temais.

“...Pois coisas maiores surgirão — grandes nações e grandes ideais. Trabalhamos por isso. Sede disponíveis e não luteis contra a maré. Subi à crista e prosperai. Tudo contribuirá para o melhor... A centelha sobreviverá às ruínas e reacenderá fogos mortos, fogo que continuará a ser fogo, mas com uma chama mais pura. Não podemos apressar o tempo, mas ele é certo e não está muito distante...”

Aqui, sob a forma de generalidades fantasmagóricas bastante típicas, encontra-se uma forte sugestão de uma catástrofe secular e espiritual “certa e não muito distante”, com uma grande reconstrução a seguir. Em ligação com as revelações arquitectónicas e históricas subseqüentes, foram feitas referências — veladas, mas inequívocas — a essa reconstrução, sendo a própria Abadia o símbolo disso, como por exemplo na mensagem datada de 20 de Abril de 1908:

“Movam-se, trabalhem e persistam sem cessar, e a seu tempo haverá lugar para o que outrora foi e conhecereis os seus edifícios tal como costumavam ser, os edifícios menores primeiro; e depois virá um que construirá a grande igreja — um filho de Glaston do outro lado do mar. Já agora ele espera e observa... A igreja É sempre a igreja, e no grande plano do mundo, logo surgiremos, e o nosso instrumento Glaston ocupará um lugar poderoso... Assim fala Johannes.”

No entusiasmo das descobertas progressivas e da verificação de afirmações inéditas, estas sugestões de uma catástrofe iminente passaram largamente despercebidas. Por que deveriam ter parecido impressionantes? Os anos de 1907 a 1914 foram o auge da satisfação própria, da vitória material, da riqueza, do luxo e do poder. A última coisa que se esperaria era qualquer falência, colapso ou mesmo estagnação da civilização moderna no seu avanço imperial.

Contudo, em 1909, sem qualquer introdução, Imperator iniciou a sua extraordinária série de advertências sobre desgraças por vir, que prosseguiram até 29 de Julho de 1911. Depois, “Caesar” silencia-se, mas perto do final de 1912, uma outra fonte volta a repetir o aviso de guerra mundial. Em Março de 1918, começa então a série espantosa de escritos misteriosos que Bond denominou “O Manuscrito da Guerra de 1918”.

A narrativa de *The Gate of Remembrance* já é, por si só, difícil de acreditar; o que se segue é ainda mais difícil. O meu objetivo ao escrever este prefácio é dar o meu testemunho quanto às datas, pois estive associado ao Sr. Bond, tanto pessoalmente como por correspondência, desde setembro de 1908 e, no que diz respeito ao conteúdo deste volume, as datas que consigo confirmar são conclusivas.

A 27 de julho de 1918, Bond enviou-me transcrições de duas previsões relativas ao fim da guerra, datadas de 14 de março e 19 de abril, respetivamente. Recebi-as a 11 de agosto. Todo o restante manuscrito para este volume foi-me enviado por correio no dia 6 de dezembro de 1918, e chegou-me a 19 de dezembro.

Ora, a primeira das duas profecias sobre o fim da guerra foi escrita mesmo antes da terrível “ofensiva de março”, precisamente no momento em que os Poderes Centrais pareciam mais fortes, quando o “exército de reserva” do Marechal Foch era tido como um mito, e quando a sorte dos Aliados parecia estar no seu ponto mais baixo. A segunda foi redigida no auge da Grande Ofensiva, quando, em toda a Frente Ocidental, os exércitos aliados estavam a ser empurrados para trás.

Paris encontrava-se sob o bombardeamento de canhões monstruosos, de força até então desconhecida, e os corações do povo (e hoje sabemos também dos líderes militares) estavam mergulhados na mais profunda apreensão, senão mesmo no desespero. Para os teutões, era o ponto culminante da guerra, e o mais otimista dos observadores não esperava mais do que uma defesa bem-sucedida até que o inverno oferecesse algum alívio, com a possibilidade de uma ofensiva vitoriosa em abril de 1919.

E, nesse momento de trevas, horror e quase desespero, surge esta certeza tranquila de que, no dia 26 de agosto, a guerra chegaria ao fim com vitória completa dos Aliados, embora “uma aparência de guerra” pudesse continuar por algum tempo.

O que aconteceu? Não ousando acreditar na possibilidade do acontecimento, mas conhecendo a exatidão das estranhas escritas obtidas no caso de Glastonbury, e encorajado pelo sucesso quase miraculoso da ofensiva de Foch, já em marcha havia três semanas, afirmei de forma imprudente a várias pessoas que a guerra terminaria antes do *Thanksgiving* — e, como seria de esperar, fui amplamente ridicularizado por isso. Na segunda-feira, 26 de agosto, não faltaram provas confirmatórias, e entre os vários relatórios daquele dia fatídico constava o seguinte:

“O Inimigo Simplesmente Desintegrou-se”

“Era Dramática Começa com Espantosa Súbita”

Londres, 26 de agosto: “Entrámos na era mais dramática da guerra com uma súbita tão espantosa que é difícil compreender plenamente o alcance das suas possibilidades”, escreve o correspondente da Reuter junto do Comando Britânico ao descrever a situação no domingo. “É um facto impressionante que, desde ontem de manhã, o inimigo simplesmente se desintegrou numa zona considerável.”

Mesmo assim, a possibilidade de um fim da guerra antes de uma campanha na primavera parecia, no mínimo, remota — e, no entanto, num espaço de exatamente sete semanas, a Bulgária, a Turquia e a Áustria tinham sido derrotadas em campo e forçadas a capitular sem condições, os exércitos italianos haviam regressado e conquistado uma das vitórias decisivas da guerra, a Mesopotâmia e a Terra Santa estavam libertas, a Áustria desfez-se numa desintegração e anarquia, o exército americano conquistou glória imperecível em Château-Thierry e Saint-Mihiel, tomou Sedan e estava às portas de Metz; os franceses tinham expulsado quase todos os alemães para lá da fronteira, os britânicos estavam de volta a Mons, os belgas tinham libertado metade do seu território, o rei estava em Bruges a caminho de Bruxelas — e a Alemanha rendera-se em termos como nunca antes haviam sido impostos a um inimigo derrotado em toda a história.

É um facto que o dia 25 de agosto de 1918 é hoje geralmente aceite pelos comentadores militares como o dia em que, na sequência dos golpes sucessivos de Foch — ora aqui, ora ali, sem trégua nem piedade — a linha teutónica, abalada em cinco pontos distintos, colapsou por completo em toda a frente, de forma irremediável e definitiva. O dia 25 de agosto é, indiscutivelmente, o momento em que a ofensiva passou, de modo conclusivo, para as mãos dos Aliados.

Mais ainda: fontes alemãs confirmam agora que “a última semana de agosto” foi o momento em que o moral do povo alemão no território nacional quebrou como um fio demasiado tenso — sem qualquer esperança de recuperação.

Parece, pois, que os oficiais dos exércitos aliados, os críticos militares, os correspondentes de imprensa e o público em geral erraram todos nas suas previsões dos acontecimentos, sobrestimando em cerca de seis meses a data do fim da guerra, enquanto a única profecia exata surgiu através da escrita automática produzida por um arquiteto e seu amigo — uma profecia datada de 19 de abril, exatamente sete meses antes do acontecimento. Qual é a explicação? Alguma há de existir, pois este facto abre portas a possibilidades ilimitadas.

O facto em si é incontestável, e os documentos datados e autenticados estão aqui para prová-lo. Se, em abril de 1918 — precisamente no momento mais incerto dos quatro anos de guerra, quando mesmo a vitória, quanto mais uma vitória iminente, era altamente duvidosa —, se prevê com meses de antecedência o dia exato da queda do inimigo, como escapar à conclusão de que alguma força consciente está a determinar os destinos humanos, queira-se ou não, segundo um desígnio preordenado, ou, no mínimo, segundo uma determinação do destino?

Um homem sábio que conheço agradeceu certa vez a Deus, com devoção, por não ser tão supersticioso ao ponto de acreditar em coincidências. Só a mais

obscura superstição cimeriana poderia alegar uma coincidência, neste caso, como explicação suficiente.

No caso dos escritos de Glastonbury, é possível encontrar uma solução plausível sem invocar o “Espiritismo”, pois a própria teoria de Bond — sobre o funcionamento da intuição através da mente subconsciente — é viável.

Também o é a doutrina do reservatório da memória cósmica, e ainda a da personalidade múltipla, em que um dos elementos (não a alma imortal, mas algo como a faculdade da memória) sobrevive à dissolução que é a morte e permanece, durante algum tempo, ligada ao ambiente terrestre, esforçando-se sempre por recuperar uma vida fictícia através da potencialidade do médium.

Em *The Gate of Remembrance* (p. 95) encontra-se uma comunicação de “Johannes” que é particularmente significativa, por expressar esta última ideia em termos muito claros:

“Não fui eu quem o fez, Deus sabe, não eu! Porque me agarro ao que não é? Sou eu, e não sou eu, mas parte de mim que habita no passado, e está ligada àquilo que a minha alma carnal amou e chamou de ‘lar’ durante tantos anos. Contudo, eu, Johannes, sou feito de muitas partes, e a melhor parte faz outras coisas — *Laus, Laus Deo!* — apenas essa parte que recorda se agarra, como a memória, àquilo que ainda vê.”

Isto, por si só, explica adequadamente como e porquê a história passada da Abadia se nos apresenta agora, passados quatro séculos, e como os segredos das suas sepulturas e mistérios enterrados são revelados.

As profecias sobre o advento e o fim da guerra pertencem a uma outra categoria. Aqui não lidamos com o passado, nem com o presente, mas com o futuro. Num caso, a profecia refere-se a algo que só viria a ocorrer cinco anos depois; noutro, sete meses depois. A mente subconsciente, o reservatório da memória, a personalidade múltipla — todas estas explicações falham aqui. É necessária outra solução. Qual seja, deixo ao critério de quem esteja mais habilitado do que eu para a determinar.

Ora, dado que a “força” ou “consciência” — ou o que quer que seja — que se manifestou através do Sr. Bond e do seu amigo “J. A.” estabeleceu a sua reputação de veracidade por meio da profecia da guerra e da previsão do seu fim, surge naturalmente a questão: que crédito se deve dar às outras predições feitas pelos mesmos canais?

Consideremos, por exemplo, o “chamado às armas”, que foi também a despedida do “Imperator”, datado de 29 de julho de 1911. Começa por declarar que “o Ocidente cairá” e que “o Oriente herdará o seu lugar”. A Grã-Bretanha há de perdurar, embora “através de um mar de sangue e sofrimento alcance a sua perfeição”, enquanto “uma Cavalaria mais elevada que a sua própria a poupará no dia da humilhação das nações.”

Segue-se então a afirmação de que, após essa grande purgação de “sofrimento e catástrofe”, virá “a mudança e a morte da alma”, enquanto “estranhas crenças e a ausência de crença ecoarão nos lugares sagrados”. Após um intervalo, “o fermento dos Fiéis agirá, e porque resistirá, há de transformar o mundo.”

Aqui está, pois, uma profecia clara da queda inevitável da civilização ocidental após a guerra já antes anunciada. As causas deste colapso são mais do que insinuadas nos escritos obtidos em 1918, como por exemplo:

“Atenção, vós que deliras! Atenção, fanáticos, vós que estais pervertidos e desequilibrados, sonhadores de grandes feitos, que, delirando pela terra, conduzis e dirigis a besta bruta! — a verdadeira Besta do Apocalipse. Não só arruinais a vós mesmos, mas ao mundo inteiro dos vossos ideais num só desastre comum, e, por meio de um livre-arbítrio mal orientado e inteiramente pervertido, atrasais o relógio de gerações. Eis o tempo determinado!

Pois agora, o Eu e as suas fraquezas são o pêndulo que oscila para a noite mais escura do barbarismo. Segui o Espírito! Submetei-vos à influência do Divino, que deseja guiar-vos, e o mundo avançará, com o maior passo que jamais deu, até aos limites do Reino. Trevas e Luz! Ego e Deus! Qual, no alívio da ameaça iminente, escolhereis?”

Aqui encontramos não apenas um diagnóstico e uma advertência, mas, pela primeira vez, uma expressão de dúvida quanto ao futuro imediato — ou, pelo menos, o reconhecimento de que há uma escolha possível que ainda não foi feita. Nos primeiros escritos, ou seja, de 1907 a 1909, havia uma aparente certeza de uma recuperação “não muito demorada”.

Frases como “Caos, Trevas — e uma nova aurora em céus carmesim” ou “O conflito não durará muito. A fúria arde intensamente e depressa — e depois, a calma sobre um mundo vermelho” indicavam confiança num desfecho próximo. Já no início de 1918, parece haver uma certeza ainda mais definida de cumprimento imediato, como, por exemplo, na mensagem de 27 de março:

“Dizemo-lo muitas vezes: este é o fim das coisas antigas e do mundo trabalhador de guerra, numa nova era e uma nova dispensação. O espírito da Terra passa para o controlo de um Poder Superior e, de repente, subitamente, num abrir e fechar de olhos, estará convosco. Está próximo. Nas vossas almas podeis senti-lo, e aqueles que estão na guerra e no conflito sentem-no mais do que vós próprios.”

Durante este ano, porém, parece haver uma dúvida crescente quanto à rapidez com que a grande revolução que se seguirá à guerra atingirá a sua realização plena naquilo a que se chama constantemente o “Novo Reino” ou o “Reino do Meio”, entre a Matéria e o Espírito, quando “o martírio da matéria” tiver sido

consumado e, sendo a sua interpretação pelo Espírito aperfeiçoada, o Espírito vier, pela primeira vez, a assumir o controlo universal. Isto pareceria um progressivo “esclarecimento” de visão por parte da força ou inteligência que seja a fonte do texto, mas as variações nas datas (exceto no caso do fim da guerra, cuja data foi exata ao dia) explicam-se pela declaração feita na profecia de 19 de Abril, segundo a qual, embora a influência (seja ela qual for) “controle forças espirituais que se manifestam na Matéria”, está, contudo, “muitas vezes inconsciente dos movimentos desprovidos de espírito da Matéria após a retirada da obra espiritual no Tempo.” Um esclarecimento adicional é dado pela frase bergsoniana (14 de Março de 1918): “O Tempo é a razão da resistência da Matéria ao Espírito.”

Ora, por muito que a duração do previsto “Caos e Trevas” do período de revolução e redenção possa ser prolongada pela resistência da Matéria à interpenetração do Espírito, sendo essa resistência levada a cabo pelos “furiosos e fanáticos”, os “pervertidos e desequilibrados, sonhadores de grandes coisas que, delirando pelo país, conduzem e dirigem a besta! — a verdadeira Besta do Apocalipse”, e que não só envolvem a si próprios mas ao mundo inteiro “numa ruína comum, e por livre-arbítrio mal orientado, completamente pervertido, fazem recuar o relógio durante gerações” (3 de Junho de 1918) — o advento do novo “Reino Espiritual” é anunciado tão claramente como a natureza da força inimiga e estagnadora é indicada. É dada a escolha entre “Trevas e Luz, o Eu e Deus. Qual, perante o alívio da ameaça iminente, escolhereis?”

Os acontecimentos precipitados na Rússia desde a primeira Revolução, na Alemanha desde o Armistício, e o avanço constante dessas forças obscuras sobre os territórios espirituais dos Aliados, dão um significado impressionante a este último texto de 3 de Junho de 1918. É evidente que o próprio homem deve, e de imediato, tomar a sua decisão a favor ou contra uma nova era de Idade das Trevas que poderá em breve prolongar-se por um período igual ao último. É a velha escolha, agora oferecida de novo, entre “Trevas e Luz, o Eu e Deus. Qual, perante o alívio da ameaça iminente, escolhereis?”

Ralph Adams Cram

INTRODUÇÃO

As Mensagens de Glastonbury, publicadas sob o título “The Gate of Remembrance”, registam a história da descoberta da longamente perdida Capela do Rei Edgar, com o auxílio de uma série de escritos automáticos produzidos após um estudo cuidadoso e aprofundado de todos os documentos disponíveis e dos dados derivados dos vestígios que forneceram ao autor e ao seu amigo, o automatista, o material sobre o qual se poderia supor que as faculdades subconscientes da mente poderiam trabalhar, a fim de que, através do processo automático, viessem a emergir inferências mais perfeitas quanto aos factos reais.

O sucesso do processo ultrapassou todas as expectativas, e o resultado indica certamente um vasto campo de utilidade possível para este método de alcançar verdades armazenadas na mente subliminar ou subconsciente.

No entanto, o texto tomou uma forma narrativa, e a sua peculiaridade mais marcante é que, em todo o lado, afirma ter sido comunicado por agentes inteligentes exteriores à personalidade real do automatista e do seu amigo, o presente autor. E embora os assuntos de Glastonbury sejam tratados nos escritos como um todo coerente, apresentando-se como um corpo de informação completo e bem estruturado, desde o início aparecem certas outras características totalmente alheias a esses temas. Estas têm sido descritas como “intrusões”, e são apenas abordadas de forma incidental no livro, e necessariamente de forma muito limitada.

Por detrás e para além das ideias e influências medievais e monásticas associadas à Abadia de Glastonbury, fazem-se sentir certas influências controladoras que nos falam das profundezas do tempo, e que parecem coordenar as memórias e personalidades evocadas no texto, como o encenador convoca e dirige os atores de uma peça nos seus vários papéis. Essas influências mais dominantes são várias, e à cabeça surge uma de aspeto autoritário, que nos fala sob o nome de “Imperator”. Outras vezes, as comunicações são assinadas “Os Vigilantes”. Falam-nos de assuntos maiores do que a Abadia, de interesses mais abrangentes para o destino geral da nossa raça.

Em particular, há muitos anos que aludem à vinda de uma grande crise mundial, de guerra e revolução, conduzindo ao alvorecer de uma nova era para o homem, e à promessa de maior poder e glória para a humanidade, quando o materialismo que até aqui atrofiou o seu crescimento espiritual e contrariou os seus melhores esforços for posto de parte, e ele reclamar o domínio sobre a Matéria, que doravante será sua serva, e não mais, como até aqui, sua senhora.

Alguns destes escritos foram publicados numa revista semanal inglesa, mas a maioria é agora, pela primeira vez, oferecida ao público através da amável

colaboração do Dr. Ralph Adams Cram, cuja ajuda tornou possível a sua publicação na América. E os deveres de editor caberão em parte a ele, embora na apresentação do material seja necessário que o presente autor acrescente algumas notas explicativas resultantes da sua própria experiência.

O conteúdo dos textos pode ser dividido em duas grandes secções: o Texto Pré-Guerra e o Texto Posterior. Mas, para melhor esclarecimento do conjunto, e especialmente do papel reivindicado por Imperator, os Vigilantes e outros, devemos referir-nos a este último, sendo, assim, organizada a sequência para conveniência. Em todo o caso, contudo, os excertos encontrar-se-ão devidamente datados.

A principal dificuldade encontrada na publicação foi a correta transcrição das passagens mal escritas. Muito do original foi difícil de decifrar, e ocasionalmente uma frase inteira resistiu à transcrição correta. Sempre que assim aconteceu, foi adotado o seguinte sistema: (1) itálico para indicar vernáculo duvidoso e (2) quando o sentido for obscuro, pontos de suspensão. Aqui e ali o presente autor acrescentou o seu próprio comentário sob as iniciais F.B.B.

Na primeira ocasião em que se tentou esta série de escritos automáticos, observou-se o mesmo fenómeno que outros investigadores do subconsciente já tinham notado, ou seja, uma tendência para mudanças, mais ou menos abruptas, tanto no estilo como no conteúdo do texto. Em algumas das sessões posteriores, isto acontecia de forma tão repentina que constituía uma verdadeira quebra no fio da comunicação.

Antes de serem transmitidas quaisquer mensagens de carácter monástico, foi escrito o seguinte:

«Todo o Conhecimento é eterno e está disponível à simpatia mental.»

E isto não era uma simples banalidade, mas sim a nota dominante de tudo o que se seguiu — uma ideia posteriormente desenvolvida e ampliada até que, nos textos mais recentes, se chega a algo próximo de um sistema filosófico completo acerca da sobrevivência da personalidade humana e da sua verdadeira experiência adquirida no corpo, em união com uma consciência maior e mais transcendente, na qual todas as memórias e experiências individuais são preservadas e coordenadas.

A mudança de influência foi muito evidente na quarta sessão. Houve uma comunicação sob o nome de Gulielmus acerca de uma donzela que, dizia-se, tinha visão espiritual, conhecendo muitas coisas “no seu coração mas não na sua mente.” O texto dizia assim:

«Ela é uma virgem como outrora foi Brígida e o seu grupo. Que vá ao campo chamado Bee Eyrie, no pomar; ali sonhe, e será concedido à sua alma revelar a memória de coisas agora escondidas debaixo da terra pelo tempo

prolongado: maiores do que pedras ou coisas edificadas por mãos, as maiores coisas que não perecem, reveladas aos puros de coração.»

(aqui a influência começa a mudar. F.B.B.).

«Aprendereis sobre coisas edificadas... e em sinais e símbolos, mais do que isso. (Vós) lereis o futuro e o regresso da nova fé. Sois para a edificação de coisas que foram e já não são: edificadas pela fé e atos e perdas pela vaidade e pelo mal do orgulho do olhar.»

(a mudança está agora completa. F.B.B.).

«Assim será a luz reacendida e brilhará sobre toda a Terra, um Templo colocado no meio de uma nova revelação, onde os sábios adorarão tanto quanto os simples, na velha Fé revestida de aceitação ao conhecimento mais vasto e nas vestes da inteligência moderna.» Imperator.

Aqui aparece pela primeira vez a assinatura “Imperator.” Foi algo totalmente inesperado. Mas F.B.B., que muitos anos antes tinha lido, e possuía um exemplar de, “Spirit Teachings” de Stainton Moses, não tardou em recordar-se de que a maioria desses textos eram assinados com este nome. J.A., o automatista, parece contudo ter estado completamente alheio a esse facto e não tinha conhecimento do livro.

Passamos agora à nona sessão, que teve lugar a 30 de Dezembro de 1907 e está registada em “The Gate of Remembrance.” Dela extraímos o seguinte:

«A Capela de Nossa Senhora de Glaston: tipo das coisas espirituais que não vos são manifestas. As mudanças não precisam de vos alarmar. As reconstruções serão mais perfeitas. Que o Estado caia em ruínas e as vestes exteriores da Fé pereçam — não temais!

Pois coisas maiores surgirão — grandes nações e grandes ideais — trabalhamos para isso. Sede dispostos e não luteis contra a maré. No cume prosperai. Tudo resultará para o melhor... A centelha sobreviverá às chuvas e reacenderá fogos mortos, fogo que continua a ser fogo, mas com chama mais pura. Não podemos apressar o tempo, mas ele é certo e não se atrasa.»

Nada havia que fizesse prever este aviso. A palavra “reconstrução”, aplicada ao tecido eclesiástico ou social, estava longe dos nossos pensamentos, que estavam mais ligados ao sentido literal da palavra, em ligação com projetos já em discussão para o futuro das ruínas da Abadia. Daí que o aviso tenha despertado pouca atenção na altura. Não foi seguido por outras comunicações no mesmo sentido até muito mais tarde.

Mas o aparecimento repetido da assinatura “Imperator” despertou a nossa curiosidade, e F.B.B. achou conveniente perguntar: “Imperator dir-nos-á quem é?” A resposta veio assim:

«CÆSAR Augustus Imperator et PACIFICATOR»

Não conhecendo a identidade do “controlo” de Stainton Moses, que sempre foi mais ou menos um segredo conhecido apenas por alguns, não podíamos ter a certeza de que o nosso “Imperator” fosse o mesmo. Agora é certo que não o é.

Na décima primeira sessão, realizada em tempo muito frio, no inverno de 1907-1908, obteve-se uma pequena escrita, muito apertada e irregular. Seguiu-se a alguma conversa sobre as afinidades mentais entre britânicos e romanos. Decifrámos o seguinte:

«Sanguis Romanorum in Britannia manet et re- (e) surgat» e: «In insula Brittanica, Roma manet et resurgat.»

Seguiu-se uma tentativa de dar conselhos aos participantes sobre assuntos pessoais, mas o frio parecia tornar o esforço infrutífero e a frase quebrou-se com — «obliviscor... heu mihi! — pro tempore Augustus non possit!» O fio foi então retomado por Johannes, que disse:

«Imperator diria — ‘Procura o objetivo e persegue-o.’»

F.B.B. tinha expressado uma dúvida que lhe ia na mente quanto ao verdadeiro significado destes supostos renascimentos raciais, e surgiu o seguinte:

«Os factos vivem, e as emoções e os acontecimentos. As marionetas morrem e deixam de existir. A folha reproduz-se: a espiga cresce: mas o tempo antigo morreu. Não compreendeis a reencarnação, nem podemos explicar. O que em vós reencarna, achais? Como encontrar palavras? Tácteis cegamente atrás de factos imutáveis que não pertencem à vossa esfera ou experiência.»

O Texto de 1909

Durante o ano de 1908, e ao longo de 1909 até ao mês de Outubro, a mensagem de Glastonbury foi-se desdobrando. O texto de 1908 dizia respeito sobretudo à Capela de Edgar, cujas características arquitetónicas foram sucessivamente reveladas após a sua descrição nos escritos, provando-se assim a sua veracidade. Primeiro, a capela retangular construída pelo Abade Beere, sobre a qual se dissera: “Lançámos setenta e dois, mas eles construíram mais longo.”

E a medida máxima revelou estar a poucos centímetros desse comprimento, embora não existisse qualquer referência a tal dimensão, nem sequer a qualquer divisão de comprimento, em documento ou tradição. Subsequentemente, foram encontrados os vestígios da ábside poligonal, cujo traçado, seguindo a indicação do texto, foi publicado antes da descoberta.

Durante 1909, recebeu-se muito mais material, cuja exatidão, como no caso da Capela de Loreto, aguarda ainda verificação, a qual será tentada quando

houver fundos e mão-de-obra na época certa do ano. Durante todo este período, não há referência direta à presença de Imperator, embora, por vezes, se sinta uma influência controladora que pode ser a sua.

Em Outubro de 1909, J. A. (Mr. John Alleyne) encontrava-se em Teddington e, na noite de 15 desse mês, realizou-se uma nova experiência, cujo resultado foi estranho e totalmente inesperado. Em poucas frases incisivas, numa linguagem poderosa e cheia de belas imagens, surgiu uma predição, inequívoca, de uma guerra mundial, um cataclismo que deveria banhar a terra em sangue, com uma sugestão implícita de algum tipo de revolução social a seguir ou a acompanhar. Depois viria uma era de esplendor, descrita como “o grande banquete do Christus”, e a comunicação está assinada “Augustus Caesar Imperator” (ver transcrição completa mais adiante, p. 15).

O Texto de 1911

Em 1910, foram obtidos vários textos, todos aparentemente referentes a Glastonbury, mas não se detecta novamente a influência de Imperator até Abril de 1911, quando intervém abruptamente para corrigir um mal-entendido dos participantes sobre Ralph FitzHamon (ver “The Gate of Remembrance”, p. 108).

Mais uma vez, no dia 7 de Julho, recebemos a notável mensagem que começa com um apelo à Grã-Bretanha, exortando-a a assumir uma nova herança de grandeza que será sua após a “queda do Ocidente”. O seu Império perdurará, pois não falhará em espírito. E com ela, e o seu conjunto de nações, estarão unidas, em lealdade e amizade cavaleiresca, as antigas raças do Oriente que aprenderam a apreciar o seu amor pela justiça e liberdade.

Parece, de facto, que ela terá necessidade dessa amizade, e que poderá chegar o dia em que, exausta pelo sofrimento e sacrifício, se verá à mercê da ainda inexplorada força humana do Oriente, agora a despertar para a sua herança mundial. Que novos flagelos se abaterão sobre a infeliz Europa? O que provocará a humilhação final dos seus povos? Seja o que for, é-nos prometido que uma cavalaria superior à sua intervirá para poupar a nossa raça. Não poderemos já discernir uma promessa dessa elevada cavalaria na flor da cultura oriental que agora se mistura connosco?

A parte final deste texto é, de facto, a sequência lógica da primeira, pois com uma influência e prestígio muito maiores, nos assuntos mundanos, dos modos de pensamento orientais, chegariam certamente novas e mais completas interpretações da religião e um ulterior enfraquecimento do domínio que os meros intelectualismos da mente ocidental — mais crua e, muitas vezes, menos espiritual — conseguiram manter até agora em certa medida. (Ver transcrição, p. 18.)

INTRODUÇÃO

O Texto de 1912

Exatamente três anos após o aparecimento do texto profético de 1909, surge uma nova corroboração do aviso então transmitido. As misteriosas “Papoilas” ali mencionadas voltam a ser referidas — papoilas de sangue! Foi a 26 de Outubro de 1912 que este segundo texto profético foi dado. A guerra dos Balcãs fazia então furor e, sem dúvida, muitos observavam a situação com ansiedade, receando que o incêndio se alastrasse.

E no texto lê-se um sentido de ruína iminente para toda a Europa. “POBREZA, FOME E SEDE DE GUERRA EM TODA A TERRA ONDE CAI A SOMBRA DA CRUZ.” É um facto de estranha importância que os territórios invadidos na Grande Guerra tenham sido territórios cristãos, e os povos massacrados e escravizados, povos cristãos. A Turquia asiática, isto é, a Turquia propriamente dita, ficou intacta e, salvo conflitos internos entre turcos e árabes, que já eram antigos, o mundo não cristão foi poupado às provações da invasão.

A transcrição destes primeiros textos encontra-se anexa a estas notas. No total, há quatro textos diferentes. Os três primeiros foram publicados na revista semanal londrina *Light*, a 18 de Maio de 1918; o quarto, datado de 27 de Junho de 1912, foi recentemente recuperado de um conjunto de escritos diversos, na sua maioria sobre a Abadia de Glastonbury.

Diz respeito à ascensão de uma falsa democracia e à sua tentativa de usurpação de poder por métodos grosseiros e violentos. Os textos mais recentes — os obtidos em 1918 — contêm alusões ao mesmo tema, podendo os leitores comparar os avisos antigos com os mais recentes. Quando, em 1909, se leu pela primeira vez o texto que fala das “Papoilas”, os pensamentos dirigiram-se naturalmente para uma guerra de nações. No entanto, as palavras seguintes apontam inequivocamente para uma convulsão social:

«Não ataqueis e não sereis atacados; e os de coração verdadeiro entre o povo dar-vos-ão abrigo. Entre eles não tendes inimigos.»

Nestes escritos não parece haver uma distinção clara entre o cataclismo nacional e o social. Ambos estão interligados. Podem ser dois aspetos de Um Grande Evento.

AS PROFECIAS DA GUERRA E DO FIM DA GUERRA

Aqui começam as Profecias da Guerra; de repente, sem aviso ou introdução. O texto foi obtido em Teddington, onde “J. A.” então residia. R. A. C.

15 de Outubro de 1909

«Fortuna fuit. Coelum ruit. Labor fruit in aeternum.»

P. O que está iminente?

R. «Guerra — guerra horrenda. Marte é Rei. Sangue de irmão. Antes do grande banquete do Christus, o Nazareno, ela virá. Os fracos sofrerão. Os fortes morrerão. Os que não são nem uma coisa nem outra sofrerão e viverão. Caos — trevas — e uma nova aurora em céus carmesim.

Curvai-vos perante a tempestade. Deixai os fortes enfrentá-la e serem vencidos. Sede como os santos de outrora, no santuário do vosso interior. Não ataqueis, e não sereis atacados, e os de coração verdadeiro entre o povo dar-vos-ão abrigo. Entre eles não tendes inimigos. Mas haverá sofrimento do corpo. Não temais. O santuário do vosso ser interior é solo consagrado, e ninguém lá entrará.

Aprendeis o grande segredo. Deixai que outros lutem pelas sombras. À terra, o que é da terra; e às estrelas, a alma do livre.

O conflito não será longo. A fúria arde feroz e rápida. E depois a calma sobre um mundo vermelho.

Os mestres observam: as marionetas agem, e pensam que são deuses. Deixai-os dançar! Desaparecem como sombras da noite.

Mundo vermelho! Papoilas vermelhas do esquecimento no cemitério do passado, e passaram — para — sempre —

Eles dançam ao som de uma música de loucura, que não é deles. Crescem e varrem a terra, e dizem: “Vede! Mudámos a face do Universo, e não há Deus!” E os Silenciosos olham para baixo e cessam de tocar, e a canção da manhã ergue-se.

Papoilas vermelhas no cemitério. E depois papoilas vermelhas nos campos de trigo ao sol. Lede, aprendei, e não temais. Tudo está bem, e tudo foi ordenado.

Do oceano do Infinito vêm as vagas. Ouvidos surdos não ouvem o seu murmúrio. Olhos cegos não veem o seu brilho, nem o arco-íris nas suas cristas. Os cegos não guiam os cegos, mas sim quem vê. Eis a vossa resposta.

Ouvindo, não ouvirão; e vendo, não acreditarão, e quem pode mudar o curso do Destino? A força avança. Quem pode mudar ou travar a sua vinda? Apenas observar e esperar!

Brincai com os brinquedos da obra do Homem — assim é bom. Ele faz os seus instrumentos de coisas humildes. A vossa grande Abadia de ontem — um fantoche de criança — nada mais; mas um grande Impulso do Eterno a criou, e

o eco dessa Inspiração está agora sobre vós. Ontem, a obra em pedra: eterna e perene, as emoções que simboliza perduram.

Tal como a formiga na relva, assim é a vossa obra aos olhos dos vigilantes. Mas, ao longo das eras do desenvolvimento da vossa alma, a semente crescerá, e como arquitetos da alma na Vida do Infinito, reconheceréis o valor do que agora tem pouco valor. Lutai por um prémio de alta vocação. Fazei algo bem, e aspirai a reconstruir essa Perfeição que Avalon humildemente simboliza, e tereis uma grande recompensa. Compreendei.

Augustus Caesar Imperator.»

«Grã-Bretanha, ergue-te! 29 de Julho de 1911.

O que foi, será. Coisas novas surgem, mas o Antigo, sob nova forma, regressará. Fostes grande. Sereis grande noutras vestes, como Roma foi: e em novos domínios, novas posses, novas alegrias — estranhas, mas ainda as mesmas.

Que mudança vem? Dizei, será a Grã-Bretanha de hoje a Grã-Bretanha de outrora — de há apenas cem anos?

Quando o Ocidente cair, a Grã-Bretanha perdurará. O Oriente receberá a sua herança nos dias vindouros; e será tão inútil tentar travar o sol como o avanço do progresso. Mas, quando esse Dia chegar, a Grã-Bretanha permanecerá amiga e companheira das nações do Oriente, como sempre foi.

Uma vez amiga — inalterada — justa e fiel à sua confiança: depois amiga e aliada das nações do Oriente.

Não esqueçais: assim tereis consolo. Ela perdurará, mas a Perfeição vem através do sofrimento e da catástrofe. Através de um mar de sangue e sofrimento alcançará a perfeição: a irmã mais velha e modelo da sua constituição. Mas não temais! Uma Cavalaria mais elevada que a sua poupará a Grã-Bretanha no dia da humilhação das nações, e com um novo crescimento florescerá dentro das suas portas.

Mas então virá a mudança, e a morte da alma. Os Velhos Deuses serão por um tempo eclipsados, e credos estranhos e a ausência de credos ecoarão nos lugares sagrados por um tempo; mas depois, e então, o fermento dos Fiéis atuará, e porque persistirá transformará o mundo. A grande Verdade manifestar-se-á — a Palavra como foi dita. Pois os homens lutarão por sua própria verdade, e despirão os deuses dos seus mantos, e eis! a sua nudez mostrará o rosto da Única Verdade Eterna cuja sombra são todas as religiões; e os homens dirão: “Não discutais! Vede! Os vossos Deuses são meus, só que não compreendíamos!”

Mas a verdade do Oriente e do Ocidente é a mesma e, por isso, todos os homens se maravilharão.

Falei.

Imperator. Finit.»

Texto “Demos”

27 de Janeiro de 1912.

Nota: A primeira parte deste texto refere-se inteiramente a detalhes técnicos da Abadia de Glastonbury, e não é, por isso, aqui transcrita. Foi então feita a pergunta: “O que reserva o futuro para Glastonbury?”

A. **Trans oceana spes est.** (Além do oceano está a esperança.)

AS PROFECIAS DA GUERRA

Imediatamente a seguir, foi escrito o seguinte:

«Ruat coelum! O Eu e o Luxo. Demos ergue-se e quer varrer tudo o que há de bom e caridade. Não temais a sua gula crescente. Ele agarra cegamente o fruto e acabará por agarrar apenas o ar vazio.

Os que estão em altos cargos voltar-se-ão em justa ira e despedaçá-lo-ão. Ele aspira demasiado alto e cairá, inchado de orgulho e do sucesso gerado pela apatia e bondade dos que deveriam governar com firmeza. Julga que basta estender a mão e o fruto cairá. Não é assim que a Lei de Deus e do Homem é subvertida: e tal como os grandes da terra descobriram o seu erro, também este deus de barro se desfará no seu esforço pelo deus do Eu. Assim dissemos.

Os elementos da sua ruína estão nele próprio; e após um tempo e tempos, ele virar-se-á contra si mesmo, e a terra será como era antes de ele se erguer para salpicar o sangue dos justos e inocentes sobre o seu seio.

Imper:»

26 de Outubro de 1912

«Aquilo de que falámos, sabemos. As ‘Papoilas’ acontecerão antes do ‘Dia de Cristo’. Notai o que dissemos. Pobreza e Fome e a ânsia de guerra em toda a terra onde recai a sombra da Cruz. Aqueles que desejam estar em paz com os seus vizinhos não o conseguirão, pois a Paz já não reina. Guerra com os vizinhos é melhor do que guerra em casa, e por isso é preciso arranjar motivos

para contendidas. Assim, quando a Europa estiver esgotada, começará o domínio da Ásia, pois é ali que o Sol nasce. Assim dizemos.»

O TEXTO POSTERIOR

O final do ano de 1916 encontrou o autor a residir em Bristol, com o seu amigo J. A. como vizinho, e em Dezembro ficou acordado que, face ao renovado interesse no tema dos fenómenos espirituais, as experiências de escrita deveriam ser retomadas. Entretanto, F.B.B. tencionava publicar, logo que possível, a história da descoberta da Capela de Edgar.

Uma sessão a 4 de Dezembro de 1916 levou, inesperadamente, à produção de material adicional sobre a ainda por descobrir Capela de “Loretto”, e o resultado foi que decidiu incorporar no seu livro “The Gate of Remembrance” todo o material relacionado, já que a história estava agora completa, faltando apenas a confirmação com a pá. Assim se fez, e o volume apareceu no início de 1918, o que nos leva a um novo capítulo de acontecimentos.

O TEXTO DA GUERRA DE 1918

Não passou muito tempo após a publicação de “The Gate of Remembrance” até que Sir William Barrett, F.R.S., tão conhecido pelo seu trabalho na Society for Psychical Research, contactou o autor com a sugestão de que prosseguisse as experiências de escrita automática — ao que ele anuiu prontamente, e como J.A. também concordou, as sessões recomeçaram no início de Março. O assunto ficou em aberto, e o tema foi abordado com espírito totalmente imparcial quanto ao que poderia resultar.

As três ou quatro primeiras tentativas foram um fracasso total. Só se obteve algumas linhas de escrita minúscula, muito irregular, apertada e quase completamente ilegível. Por fim, a perseverança foi recompensada, ainda que modestamente, e um texto foi obtido a 10 de Março e outro a 11, de índole filosófica. Novamente, a 13, surgiu escrita em que foi possível decifrar parte do sentido.

Revelou-se uma previsão do rumo futuro da guerra (ver p. 49). O essencial — se interpretamos corretamente a difícil caligrafia — é que o final do oitavo mês de 1918 encontraria o inimigo enfraquecido pela falta de recursos, e que a sua resistência colapsaria no dia vinte e quatro de Agosto. A expressão usada é “surcease of battles” — termo que se revelou impreciso, pois foi nesta data que as forças inglesas, perto de Bapaume, fizeram o seu primeiro avanço claro, vencendo a resistência inimiga e confirmando em grande parte o sentimento de ascendência que o feito anterior de Foch já inspirara.

O restante texto parecia referir-se a uma peste qualquer que se seguiria à colheita, e parece que tal previsão, em certa medida, se confirmou. Referia ainda uma segregação da nova raça, ou dos povos escolhidos, mas esta parte ainda não foi devidamente esclarecida, e o texto parece quase impossível de decifrar.*

Continuaram as tentativas, ainda com pouco sucesso, e, sentindo que algo inibia a livre ação da faculdade subconsciente do automatista, o autor decidiu experimentar um novo método para separar o funcionamento do consciente e do subconsciente. Assim fez-se o seguinte.

A sessão seguinte, em 21 de Março, pode ser considerada o início da nova série. Em vez de simples conversa, para distrair a mente da ação mecânica da mão, F.B.B. pegou num livro e leu continuamente durante toda a sessão. O livro escolhido foi “National Spirit of Japan”, do Dr. S. Honaga.

O resultado foi imediatamente positivo. Notou-se logo uma grande melhoria na continuidade e fluidez da escrita, que passou a fluir de forma regular e ocupou quatro páginas bem escritas, com as linhas bem mantidas. O tema desta comunicação era a reprodução de memórias hereditárias no simbolismo humano, tal como expresso na linguagem e na arquitetura.

Houve uma pausa no final da segunda página e, antes que algo material fosse decifrado, F.B.B. perguntou: “Pode dar-nos algo sobre o tema de ‘The Gate of Remembrance’?” A escrita retomou-se imediatamente, mas, ao examinar depois, constatou-se que o tema da pergunta fora despachado numa só frase curta, continuando o assunto anterior do texto.

O sucesso do novo método, e a sua clara vantagem em dissociar a consciência normal de J. A. daquilo em que a sua mão estava ocupada, foi tão evidente que o mesmo procedimento foi seguido sistematicamente ao longo de todas as sessões desta série. F.B.B. assegurava-se de que a atenção do seu amigo estava totalmente dedicada à leitura, interrompendo-a frequentemente com comentários e perguntas, que exigiam respostas refletidas por parte de J. A.

Também era hábito, no final de cada sessão, discutir com o amigo o conteúdo da leitura, para garantir que a sua atenção permanecera sempre fixa no texto. O resultado foi suficiente para confirmar a convicção de que as mensagens tinham sido realmente recebidas dessa forma.

É sabido que há muitos casos em que pessoas de elevada capacidade intelectual conseguem prestar atenção, em simultâneo, a três ou quatro assuntos distintos, e tal faculdade é comumente observada em homens de negócios que conseguem ditar, alternadamente, frases de várias cartas sobre temas diferentes aos seus dactilógrafos, talvez até quatro de cada vez, mantendo os vários fios de pensamento claros e distintos. Mas o paralelo, embora à primeira vista pareça válido, na verdade não o é, e por duas razões.

Em primeiro lugar, o homem de negócios está, na realidade, a executar um feito de agilidade que é puramente intelectual. A sua atenção não é dada simultaneamente, mas sim consecutivamente, aos seus três ou quatro assuntos, e tudo o que faz é saltar, com grande rapidez e precisão, de um para outro. E estes temas são, em geral, da mesma natureza, o que facilita a transição. O mesmo se pode dizer do perito de xadrez, que consegue jogar vinte e quatro partidas às cegas, simultaneamente no sentido em que os lances se alternam em rápida rotação.

Mas aqui deparamo-nos com um problema diferente. A leitura é contínua. A escrita também é contínua. Não há pausas, nem por um momento, que permitam um intervalo mental para alternar o fluxo de pensamento. E o texto, quando lido, é sobre um tema tão distante, em qualidade, natureza e atmosfera psicológica, do tema da leitura, que pode dizer-se que nada têm em comum. E mais ainda: nestas circunstâncias, seria de esperar que a ação mecânica do cérebro resultasse, quase inevitavelmente, no ocasional aproveitamento de uma palavra ou expressão da leitura — pelo fenómeno comum da “metafasia” — e no seu reaparecimento no texto.

Mas nunca tal foi observado. Não há sequer qualquer semelhança, em momento algum, entre o estilo literário do que é lido ao médium e o estilo do texto escrito. Este último tem, de facto, um estilo próprio, peculiar, e muito diferente do habitual do médium. Mas o interesse único destes textos reside nisto: mostram, do princípio ao fim, um propósito consistente, um argumento sustentado, uma memória do que já foi transmitido, e evitam repetições. Revelam independência de perspectiva, bom senso e espírito crítico. Por isso, ao avaliar o valor destes escritos nas condições referidas, deve ser devidamente considerada a possibilidade de estar presente uma inteligência diferente da do médium ou do autor.

Texto de 27 de Março

No dia 27 de Março, na presença de uma testemunha, M.W., foi obtido um texto de que se apresenta um resumo. F.B.B. leu continuamente do “New Book of Martyrs” de Duhamel. Foram descritas as dificuldades de comunicação, e a má qualidade da escrita foi explicada pelas perturbações psíquicas consequentes do tumulto da guerra no plano físico. Neste tumulto emocional, a natureza passional dos recém-mortos é descrita como um elemento ativo, envolvendo o espírito da Terra.

Neste texto, afirma-se o triunfo final da causa da justiça intrínseca, bem como o declínio do último grande esforço do inimigo, visível no abrandamento do seu avanço, prelúdio do desastre total. São também pressentidos murmúrios de futuras dificuldades na frente oriental do império alemão. A consulta de uma crónica da campanha na primavera mostrará ao leitor que, nessa altura

(quarta-feira antes da Páscoa), a situação era vista com a maior apreensão por todas as nações aliadas, e já não é segredo que o Primeiro-Ministro britânico se preparara para a eventualidade, bastante temida, de uma rutura até à costa por parte do inimigo, que separasse as forças aliadas e tornasse necessário o recuo britânico dos campos do norte de França.

Texto de 29 de Março

Na Sexta-feira Santa, 29 de Março, a situação atingiu o seu pior ponto e a opinião pública estava cheia de ansiedade, mas o texto recebido nesse dia estava repleto de esperança e continha, novamente, a certeza da vitória.

Predizia-se para breve a dissolução da combinação central. “Vigiai! No Domingo de Páscoa a maré mudará e recuará rápida e consistentemente.” Tarde de sábado chegou o animador relatório de Sir Douglas Haig de que os ataques do inimigo tinham sido repelidos em todos os pontos, sendo as notícias completas das enormes perdas do inimigo publicadas na segunda-feira de Páscoa, 1 de Abril. E nesse dia, os jornais vespertinos de Londres apresentaram as manchetes “A MARÉ MUDOU.”

O texto de 29 de Março dizia ainda que “até os próprios elementos lutariam do lado do justo.” Ora, até esse momento o tempo tinha sido, de facto, consistentemente desfavorável. Mas numa carta de um correspondente ao *Daily Chronicle*, datada de 2 de Abril, lemos o seguinte:

«Os nossos soldados dizem, e provavelmente muitos alemães pensam, que desde que o bombástico Kaiser declarou que esta era a sua batalha, as coisas deixaram de correr bem ao inimigo. O avanço dos primeiros dias da ofensiva, que motivou esta jactância, foi travado, e, no geral, desde então os combates têm decorrido claramente a nosso favor. Pela primeira vez que me recordo, a sorte do tempo virou e passou a ser completamente desfavorável ao inimigo.»

Texto de 30 de Março

No sábado antes da Páscoa, e antes de se terem recebido melhores notícias, foi obtido um texto que, novamente, fazia referência à guerra. F.B.B. leu de *Last Abbot of Glastonbury*, de Crake. Ficou apontado que, embora todos os sinais materiais fossem até então desfavoráveis aos Aliados, isso era apenas um aspeto superficial de uma situação muito diferente e bem mais esperançosa, mas as forças que trabalhavam para um efeito notório só se manifestariam no dia seguinte. O inimigo estava, na verdade, a destruir as suas próprias forças contra uma barreira produzida pela energia indomável dos Aliados, as suas comunicações intactas, e, acima de tudo, pela força moral de uma causa justa.

Este texto passa à progressiva tomada de consciência, por parte da Alemanha, da verdade há tanto tempo escondida do seu povo sob um véu de mentiras e diplomacia intrigante, agora a desgastar-se. Utilizam-se as seguintes palavras notáveis:

«O despertar da alma desta grande nação enganada será o fim da sua força guerreira, e uma nova força se apresentará que destruirá a guerra por completo e a derrubará.»

E acrescenta: «Amanhã o primeiro grande sinal de fracasso será manifesto, e o que se seguirá já vos dissemos.» A Sociedade das Nações é aqui prenunciada, e prevê-se a iminência do colapso da Alemanha da seguinte forma:

«O movimento do pêndulo mostrará em breve a Alemanha não só do lado dos Aliados, mas na vanguarda de uma nova ameaça que em breve surgirá. Ela, que tanto pecou, assim cumprirá a sua própria salvação.»

E agora vemos a Alemanha a apelar aos Aliados para a apoiarem contra o espectro ameaçador do bolchevismo! É estranho olhar para este texto pascal e ler estas palavras. O texto termina com uma reflexão sobre os perigos da ignorância e as forças da Ignorância num mundo governado pelo intelecto. O exclusivismo do intelecto e a sua incapacidade de sentir empatia pelas massas são apontados como a causa da queda de civilizações passadas. Mas no texto seguinte (31 de Março) é-nos prometido que isso não voltará a acontecer, pois o conhecimento está agora suficientemente difundido para proporcionar uma base larga e firme para um tecido social permanente, estabelecido pela união de todas as classes no laço de amor fraterno que é o fundamento do Cristianismo, que é afinal (citando o texto) apenas a filosofia inspirada de épocas anteriores, interpenetrada pela humanidade tornada manifesta. (O Verbo feito Carne. — F.B.B.)

Texto de 31 de Março (Domingo de Páscoa)

Nesta comunicação fala-se mais sobre a natureza do intelecto e sobre a necessidade de uma razão esclarecida para controlar as forças emocionais e intuitivas do Homem. Faz-se um aviso contra o abuso desse controlo intelectual, que envolveu a alma da nação alemã em esquemas de ambição material usando as armas da força e da violência para alcançar os seus fins. Essa influência terá de passar, cedendo lugar a um reajustamento no qual os factores morais e espirituais voltarão a afirmar a sua supremacia sobre o lado material do pensamento e da vontade do homem. Termina com estas palavras:

«Hoje o equilíbrio muda, e em breve será manifesto para todo o mundo. Que a Humanidade dê as mãos e nunca quebre a cadeia. Assim, a influência do maior impregnará o todo no tempo designado.»

Texto de 1 de Abril

O texto obtido neste dia (Segunda-feira de Páscoa) é de índole puramente filosófica e, por isso, não está incluído nesta série. Trata da génese e evolução das duas forças gémeas da alma humana — Intuição e Intelecto —, mostrando as suas reações e de que modo alcançarão, por fim, uma união perfeita, trazendo a idade de ouro da nossa raça. O encontro destas duas forças é comparado à construção dos dois arcos de uma ponte, cuja pedra angular é o Logos Divino, a Razão.

Texto de 17 de Abril

É-nos novamente dito para não nos deixarmos enganar pelas aparências, sendo a tempestade e a tensão dos acontecimentos materiais apenas o fundo sombrio de um quadro iluminado pela manifestação de influências espirituais que conduzem à vitória do Justo e da Verdade. A nova ofensiva, diz-se, era uma necessidade desesperada para a Alemanha, de modo a evitar um estado de paralisia; e, do nosso lado, o novo sacrifício não será em vão. É como a poda de uma árvore jovem e o enxerto de novos ramos — representando um novo espírito — mesmo na raiz. O resultado será uma grande regeneração, não se prevendo uma mudança de espírito súbita. Contudo, na Áustria primeiro, e depois na Alemanha, cresce de forma cada vez mais visível uma mudança de mentalidade.

* Este texto foi obtido após um intervalo de dezasseis dias, ao meio-dia, em 25 Sydenham Hill, Bristol (morada de F.B.B.). Toda a conversa tinha sido sobre o livro “The Gate of Remembrance”, com apenas uma breve referência às notícias de guerra, que eram graves. Durante a escrita, F.B.B. leu em voz alta, sem parar, do romance “The Council of Justice”, de Edgar Wallace.

Texto de 18 de Abril

O significado dos mais terríveis e catastróficos acontecimentos humanos é apenas um período pequeno em comparação com o nascimento dos princípios espirituais. Mesmo o afundamento de uma civilização é algo que, no cálculo final, pesa pouco perante o facto de que o Propósito Eterno, embora frustrado e atrasado pela indisponibilidade do Homem para exercer o seu Livre Arbítrio numa direção espiritual, acabará por se justificar e estabelecer o Reino destinado. Na primeira leitura deste escrito, as opiniões expressas pareceram revelar uma crueldade para a qual os presentes não estavam preparados, e F.B.B. expressou este sentimento numa pergunta, ou melhor, num pedido de maior explicação. A resposta foi dada nestas palavras:

“Podemos provar a afirmação que vos fizemos e repetimos. O avanço da força material traça o plano adotado e arrasta o inimigo pelas terras férteis que se encontram a oeste dele. A onda crescente da realização e da verdade varre para leste. Por isso vos dissemos que o coração do inimigo enfraquece com o

medo e a consciência do mal feito. Toda a glória e tudo pelo que luta se transforma em escória perante a descoberta de que está enganado e traído.

A amargura contra os seus governantes cresce enquanto as suas forças atacam desesperadamente toda a oposição com crescente ferocidade; e os golpes que desferem contra a oposição dos Aliados atingem, na verdade, o coração e a vida dos seus traidores. Estas condições não podem persistir, mas devem romper e terminar numa rápida decadência e reação, assim como uma fera moribunda tem maior fúria no seu último lampejo de força, embora saiba que o seu fim chegou.

“Estas coisas dizemos. Isto sabemos, e (as verdades) são evidentes para nós nos nossos lugares. Por isso, aqueles que podam a árvore não choram pelas folhas que caem ou pelos ramos que secam. Só vós sois a árvore, saudável e regenerada. Por isso alegrai-vos, e nunca vos entristeçais.”

Escrito de 19 de Abril

É-nos dito neste escrito que os nossos julgamentos humanos sobre o certo e o errado são muito falíveis. Por exemplo, há muito a dizer sobre os ideais antigos da conquista, e existe um propósito espiritual subjacente à guerra que até agora tornou esse terrível instrumento necessário ao plano Divino da evolução do Homem. E embora nos tenha sido prometido o sucesso da causa Aliada, esse sucesso vindouro será “mais uma necessidade do desenvolvimento no esquema da Criação, do que qualquer superioridade intrínseca de um ideal sobre o outro.”

Isto foi para nós muito difícil de entender. Poder-se-ia quase dizer que era repugnante. Mas o que se fala são “Ideais” e não “Métodos” e aí reside a nossa dificuldade humana, pois não é fácil para nós dissociar estas coisas e manter uma visão clara dos princípios, apartada da mistura de motivos materiais com que todas as atividades humanas estão, por necessidade, amalgamadas. É concebível que não estivéssemos inclinados a pensar mal do ideal alemão de Ordem Mundial e de um corpo político perfeitamente organizado sob um governo paternal, se ela tivesse sempre empregado métodos humanos e desprezado todo o ganho material e pessoal e o engrandecimento de castas na sua busca por este ideal.

Do nosso lado, diz-se, temos o apoio moral da convicção de que lutámos pela Justiça, pela Liberdade e pelo apoio às nações mais fracas. Mas estas, e outras cem convicções intensas, apenas escondem uma grande necessidade subjacente de liberdade comercial, e ao aceitar o desafio da batalha, as nossas atividades pessoais e nacionais foram um poderoso estímulo. Contudo, o factor realmente decisivo tem sido a superioridade dos métodos espirituais sobre os brutais, e isto é esclarecido na parte final deste escrito. O argumento é elucidado nas seguintes palavras:

“Vós escolhestes o espiritual — eles o brutal. Assim diferis. Por isso existe uma razão no esquema universal para a vitória sobre a Matéria e os princípios da Matéria. A sobrevivência do mais apto; a melhor base para o governo: estes empenham-se do lado do inimigo, e em condições normais e no desenvolvimento para o melhor do Homem, deveriam ter vencido. Mas como sabeis, e vos dissemos, a Era do Espírito vem rapidamente, e as velhas condições estão a acabar. Por isso vós vencerão, e assim a velha era termina. A intenção da Guerra, a interpenetração da força material dos vencedores pelo espírito e alma dos vencidos, já não é necessária nem desejável.

“Pela primeira vez na história da Humanidade as regras foram removidas e invertidas, porque agora pela primeira vez na evolução da Terra, o Espírito não só domina triunfantemente a Matéria, como essa dominação tem finalmente sido necessária para o melhoramento da Humanidade.”

DISCUSSÃO SOBRE A PROFECIA

No decurso deste escrito surge uma passagem notável que trata da data já dada para o Fim da Guerra. Ocorre em resposta a uma observação inserida por F.B.B. com o seguinte teor:

“O que sentimos que queremos no momento (acreditando que possa ser útil para muitos) é algo tangível relacionado com os assuntos humanos que mostre inequivocamente a presença de um Poder Guiador.” A resposta é a seguinte:

“Demos-vos o fim espiritual da guerra para 26 de Agosto, e a manifestação material pode, e deve, coincidir. Temos esta dificuldade: embora controlemos forças espirituais que se manifestam na Matéria, por vezes não estamos conscientes dos movimentos sem espírito da Matéria após o afastamento do trabalho espiritual no Tempo.

Assim como os oceanos podem continuar a agitar-se e a ondular muito depois de a tempestade que os moveu ter passado; e assim como os conflitos entre indivíduos podem persistir muito depois de a raiva e a oposição terem abandonado as suas almas, assim uma aparência exterior de guerra pode continuar esporadicamente e intermitentemente muito depois de as nações opostas terem deixado de a desejar.”

Assumindo uma força espiritual como causa estimulante de todos os movimentos humanos, somos levados, pensamos, a admitir a razoabilidade deste paralelismo; e daí a incerteza de quaisquer previsões de datas. Mesmo entre os defensores da profecia bíblica, o cumprimento dos eventos tem estado sujeito a esta mesma incerteza, e onde estudantes da profecia tentaram fixar datas definitivas, encontraram-se, até onde sabemos, constantemente errados, pois muitas vezes partiram da suposição, para a qual não vemos justificação, de que as datas precisas são preordenadas e predeterminadas.

É por este meio que procurariam vindicar o conhecimento exato prévio do Criador. Mas, por outro lado, não exigiriam todos e cada um espaço para o princípio ativo do Livre Arbítrio Humano? E se o Livre Arbítrio ou Autodeterminação for realmente um fator dominante na construção da história do Homem, é difícil perceber por que razão o curso dos maiores acontecimentos humanos não deveria estar sujeito à mesma limitação quanto ao período exato da sua realização, como acontece com os inúmeros acontecimentos menores.

Afirmar a fixidez destes acontecimentos maiores em termos de data pareceria implicar a negação do Livre Arbítrio no Homem, uma proposição que nenhum homem pensante pode tolerar.

O mesmo sucede em assuntos menores. Impulso, Intuição, Vontade guiam e controlam, mas o intelecto humano é o agente executor, e o intelecto humano está envolvido em circunstâncias e condições humanas que originam conflito de decisão. O capitão traça um rumo e um horário para o seu navio; mas embora o destino da embarcação seja predeterminado, o momento da sua chegada ao porto dependerá da vontade inteligente dos seus oficiais e tripulação.

Mais ainda, quanto ao poder supremo de Deus, Providência, a Vontade Todo-Poderosa que preside aos destinos humanos, devemos contentar-nos com a antiga concepção de um Poder puramente Transcendente, que nos move como peões num tabuleiro de xadrez, ou antes não devemos pensar na Palavra, no Logos, encarnado no Homem, que incansavelmente seduz e conquista o seu coração e mente, sempre em harmonia com a Vontade e Propósito transcendente, mas nunca à custa da sua liberdade de escolha?

Escrito de Maio

Durante o mês de Maio, foram recebidos vários escritos, mas sem relação direta com a guerra, exceto num sentido filosófico. Muito se disse sobre o que foi chamado de “o martírio da Matéria”, implicando que a desagregação geral das condições materiais, bem como o sacrifício de vidas, estavam na realidade a libertar poderosas forças espirituais até então encerradas na Matéria. E o resultado deste processo seria o apressar da Nova Era em que as condições espirituais afirmariam de uma vez por todas a sua supremacia sobre o desenvolvimento do Homem.

Outra consideração muito interessante emerge do escrito: a tendência ocidental da vida e civilização humanas. O impulso original para a migração para oeste está profundamente escondido na alma do Homem, que geralmente desconhece a sua natureza espiritual. Assim, apenas os motivos materiais do comércio e da conquista, ou da expansão nacional, que é um motivo para conquista, lhe são evidentes, mas os desenvolvimentos superiores seguem, como vemos no caso da propagação das religiões para oeste, como diz o

escrito. Por outro lado, há sempre uma reação de natureza puramente espiritual numa direção para leste, e temos uma aplicação muito curiosa desta lei num escrito posterior, recebido a 1 de Junho.

Escrito de 1 de Junho

O instrumento das atividades espirituais para impulsionar os movimentos das raças do Homem sempre para oeste é o magnetismo do Sol, que é descrito como enrolando, por assim dizer, uma bobina de fio invisível à volta do globo nesta direção, causando assim um fluxo perpétuo de energias psíquicas ou, talvez fosse mais correto dizer, etéricas, em direção ao oeste. Mas, por mais mecânico que seja o processo, tem um lado psíquico e até espiritual.

A libertação das forças espirituais através da desagregação das condições materiais no Próximo Oriente foi tão esmagadora que as raças do Leste da Europa se encontram agora num estado de complexidade sem paralelo. Cada raça é controlada no seu aspeto individual e coletivo pela Alma dessa raça. Esta é, em cada caso, uma Entidade realmente existente, mas uma Entidade num estágio intermédio de desenvolvimento, tal como os vários indivíduos da raça.

Agora, na Alemanha, temos um exemplo de um vasto e tremendamente poderoso grupo racial, com uma consciência racial altamente organizada; poder-se-ia quase dizer, uma consciência racial intelectualizada, mas esta alma controladora da raça foi, no caso da Alemanha, corrompida por um uso apóstata do Intelecto, e assim existe hoje como um espírito racial drogado num coma espiritual, mas crescendo em poder na esfera material devido à sua grande coesão das partes.

Todos os seus membros são tão parte da grande Entidade não manifestada que estão impregnados de um espírito de obediência cega ao estado e com uma consciência crescente do seu destino Imperial; por isso a tendência para oeste em sentido material manifestou-se com imensa força. Eles atacam as suas fronteiras ocidentais e tentariam derrubar toda a oposição e invadir o ocidente se pudessem, mas, entretanto, algo estranho está a acontecer nas suas fronteiras orientais. As suas aspirações espirituais e ideais, por mais degradados e apóstatas que sejam, encontram expressão numa direção para leste, e neste aspeto a Alemanha é uma casa dividida contra si mesma.

Com o tempo, a derrota material no ocidente enfraquecerá a força material ou bruta da vontade nacional a tal ponto que o esforço do espírito na direção do leste a purificará como num forno, amalgamando e contrapondo a si toda a espiritualidade não cultivada e descontrolada das raças orientais, sendo o resultado final um novo equilíbrio racial e reajustamento. A “Mittel Europa” é assim um tipo do que o escrito descreve em muitos locais como “O Reino do Meio” da Matéria e do Espírito em perfeita união, que será o Reino de Deus na Terra, os “Novos Céus e a Nova Terra.”

Escrito de 3 de Junho

(F.B.B. a ler de “Memórias de Grimaldi” de Boz)

Nesta comunicação analisa-se o estado das várias nações da Europa antes da guerra e descrevem-se as suas falhas.

Diz-se que a Bélgica precisava especialmente de purificação, e há uma sugestão de uma doença espiritual muito profunda no seu corpo político. Em França e Itália a consciência religiosa se desviara, a Realidade estava submersa no Símbolo, no que concerne à fé ortodoxa. Aperfeiçoaram o símbolo, esquecendo a grande causa do símbolo. Inglaterra é censurada pelo seu materialismo grosseiro e amor ao prazer, mas no lado espiritual está absolvida da apostasia de algumas outras nações. No entanto, os seus “pecados do corpo” devem ser purgados se ela quiser manter a sua liberdade espiritual e conduzir outros à luz e à liberdade.

A América, sem estímulo racial, é elogiada porque, livremente e através de uma unanimidade maravilhosa da consciência individual e do julgamento individual, escolheu a melhor parte. Diz-se que, através da força assim dada, ela perseverará até ao fim, e os seus conselhos prevalecerão. A Rússia é um contraste melancólico. As suas intuições raciais, tão espirituais por natureza, estão cativas da regra do Intelecto pervertido e assim ela jaz entre as pedras do moinho superior e inferior.

AS PROFECIAS DA GUERRA

Escrito de 5 de Junho

Este excelente escrito baseia-se sobretudo em linhas filosóficas, e contém um aviso e um apelo aos governantes das nações Aliadas hoje, que aqui reproduzimos na íntegra. O argumento é que toda a verdade espiritual chega pela Intuição e não pelo Intelecto, embora só pelo Intelecto purificado a verdade espiritual possa ser aplicada com sucesso.

“Dada uma nação de homens intuitivos, podemos controlá-la assim como controlamos o profeta, o poeta, o sonhador e aquele que usa o seu intelecto mas conscientemente o liga à sua alma intuitiva. Tomai cuidado, dizemos, e com toda a seriedade devemos insistir convosco nesta questão. Tomai cuidado para que, na sede de conhecimento e no controlo do material, eduqueis as gerações futuras apenas no plano material.

Verdadeiramente, uma nação assim educada pode ser como um aríete no mundo da Matéria, e tendes prova suficiente diante de vós agora. Mas tais nações, tal como ao longo dos séculos — até mesmo naquele berço da Humanidade que jaz sob as ondas do Atlântico — tais nações, contendo em si

as sementes da sua própria destruição, devem sofrer a morte do Corpo e do Espírito.

“Educar na vontade da Matéria, faminta de intuição, rompe a corda que eleva a Humanidade a esferas superiores e conecta o Homem material com o Espírito. Este perigo é premente. Temos observado a galvanização do Espírito adormecido sob a influência da natureza crucificada na condução da guerra, mas isto é passageiro e temporal, e a menos que aqueles entre vós que estão no poder cultivem igualmente o Espírito, tanto em casa como na escola, e na universidade da vida diária, o destino da Humanidade será novamente infinitamente atrasado e lançado no limbo do barbarismo, que é a Matéria privada de alma.

“A Grécia desenvolveu uma alma, uma alma pagã que ainda assim era alma, embora apenas a alma do seu espírito racial manifestado em beleza. Mas isto não foi suficiente. Era um fio nos sete divinos, mas apenas um, embora belo na sua manifestação terrestre. Mas os sete fios devem ser desenvolvidos em igual medida, sob pena de uma catástrofe vos acontecer.

“Mais uma vez, neste momento, apelamos a vós enquanto nação para que cultiveis o Espírito, pois inevitavelmente caireis da graça, embora a brilhar como um meteoro no mundo do tempo e depois serdes extintos como um meteoro e passardes para as trevas do limbo das glórias passadas.”

TRANSCRIÇÕES DOS ESCRITOS

Escrito nº 1, 13 de Março de 1918

Este escrito foi produzido durante a manhã de 13 de Março, em 25 Sydenham Hill, Bristol. O Sr. Alleyne foi o automatista. Nada tinha sido sugerido como tema para a comunicação, e nenhum dos presentes tinha algo em mente sobre a guerra. F.B.B. ainda não tinha adotado o método de leitura em voz alta para o automatista. Durante a sessão, portanto, houve conversa descontraída. O escrito é difícil e em muitos locais ilegível. No transcript, as passagens duvidosas estão em itálico.

“Quando o oitavo mês do ano acabar,
o fracasso será mais evidente naqueles que perseguis.
O dia vinte e quatro verá cessar a batalha.
O contorno claro destas verdades
projetará a realidade,
e vós as entenderão. Prova não é necessária,
mas tereis a vossa prova para o benefício dos outros...

O resto é completamente ilegível. A escrita foi retomada à noite do mesmo dia, com o seguinte resultado. A primeira parte refere-se à segregação de um povo escolhido dos confins da Terra,

“... dos israelitas, um só povo comum,
e outros incluindo as raças amarelas do Oriente...

“... A raça escolhida não se limita a Israel,
mas deve incluir todos os ramos
do povo original, ainda não regenerados, ainda

os Filhos de Deus em mistério,
que não conhecem totalmente a sua origem,
e devem ser purificados,
mas ainda não. No entanto, uma parte permanecerá...

Aqui só algumas palavras são legíveis, parecendo referir-se aos cristãos asiáticos...

“As sub-raças estão envolvidas, este e oeste.
São do mesmo povo e estão do lado do justo...

“... Quando as colheitas estiverem prontas, os ceifeiros ceifarão em paz.
Então a praga espalhar-se-á para oeste e sul. Serão poucos, de facto,
mas os que viverem para além das águas serão poupados.
O povo será peneirado na debulha da pestilência,
que tomará os cabritos e poupará as ovelhas.
Dissemos isto. Vigiai, orai e não temais: sois os imunes.

Depois, numa caligrafia diferente, muito grande: —

“MIL NOVECIENTOS E DEZOITO,
NO OUTONO, DEI-VOS O TEMPO E O ANO.

“A raça dos eleitos está segura:
não só vós, mas todos os da raça de... contai os membros da raça.
Todos são do mesmo povo, escolhidos e designados.
Dos mares, ninguém além daqueles da Raça se mantém afastado por medo.
Três estão marcados para a penalidade,
e um deles deve ser purificado pelo fogo.
Dois guerreiam com o corpo, e um com o espírito.
Este deve ser limpo.”

Escrito nº 2, 27 de Março de 1918

Obtido em 22 Cotham Grove, Bristol. Sem sugestão sobre o tema da comunicação. F.B.B. leu durante a sessão de “Novo Livro dos Mártires” de Duhamel (episódio de Verdun). Algumas palavras no início do escrito estão ilegíveis devido ao estado da pena-de-tinteiro, que manchou.

“... As condições das influências externas são tais que tornam qualquer impressão quase impossível. Só as vibrações físicas seriam suficientes para sobrepujar a delicada vibração no outro plano, e quando

**Ver “Notas”, p.128.*

além disso o mundo espiritual é invadido por questões da natureza mais intensa e concentrada, torna-se absolutamente impossível fazer qualquer coisa. Os espíritos dos mortos, presos à Terra e ainda muito interessados nas condições do campo de batalha, causam um desequilíbrio nas proporções das influências relativas que interrompem toda a condição normal por muitas centenas de milhas além da zona de guerra. Uma influência observada entre outras é aquela que antes era conhecida como Deméter, mas que está temporariamente ausente.”

“O conflito é a causa do nosso fracasso. O equilíbrio cresce e em breve mostrará uma preponderância total do lado do justo intrínseco. O último grande esforço desaparece. Haverá flutuações, mas vemos claramente aquilo que o mundo turbulento vê obscurecidamente — a vitória do Bem sobre o Mal. Isto é inevitável e é uma lei da natureza e de Deus. Não temais! Passará, e rapidamente. O clímax que se aproxima, baseado em leis naturais, testemunhará o fim da grande ofensiva. Já a esperança trabalha no peito dos líderes, e a Natureza expectante aguarda sem fôlego o progresso da sua realização.

“Mais lento, mais lento cresce o avanço. O caçador está preso nas suas próprias armadilhas, e após a breve glória vem a tragédia de uma retirada desordenada. O desastre será tão grande que até os próprios defensores ficarão paralisados pelo terror. O perigo cresce, e no coração do inimigo sabe-se que o ponto de rutura está muito próximo. Eles percebem a revolta de um povo ultrajado no oriente, e já o primeiro baixo murmúrio da ira crescente é claramente audível.

“Depois, a barreira que nos separa de vós torna-se ténue, e em algum lugar ela romperá e abrirá uma nova visão de vida. Do mal surge o bem, e do lodo da Matéria em que a Terra está agora enterrada crescerão os lírios do Espírito, belos, doces e reconfortantes. Dissemos-vos muitas vezes que este é o fim das coisas antigas e do mundo trabalhante da Guerra, numa nova era e uma nova dispensa. O espírito da Terra passa ao controlo de um Poder superior e, subitamente, subitamente, num piscar de olhos, estará convosco. Está

próximo. Nas vossas almas podeis senti-lo, e aqueles que se debatem no lamaçal e no conflito sentem-no ainda mais do que vós.”

Escrito nº 3, 29 de Março de 1918
(Sexta-feira Santa)

Obtido em 25 Sydenham Hill, Bristol. Não foram feitas perguntas nem sugestões. F.B.B. lia de “Digit of the Moon” de Bain.

“O sucesso material da ofensiva diminui. Tudo será como já vos disse. Planos de desespero perdem a inteligência. Os corações dos líderes já lhes falham por medo das consequências do seu desastre. O pacto está perto do fim na Europa.

“Complicações devem surgir no equilíbrio de poder, que é em si uma ordem de valor incontestável.

“O Oriente deve, por necessidade, ampliar a esfera de influência sob firme controlo europeu porque assim é ordenado na natureza das coisas.

“Quando a oportunidade falta e o mal e a decadência ocorrem, haverá mudança de controlo: mas onde o bem predomina, a ordem presente não só persistirá como será fortalecida.

“Pois o Godo é sempre turbulento e o seu controlo não é adequado para as raças orientais. Mas a Índia precisa do controlo das suas raças e não se afastará da influência que é benéfica, pois não traiu a sua confiança.

“Por toda a parte, ao longo dos séculos, as forças do Bem prevalecem e cumprem o seu destino, mesmo que a economia exterior e material possa parecer um fracasso. Olhai para dentro e aprendei com a história. Nunca o bem último falhou o seu propósito, mesmo que tenha sido necessária a destruição da manifestação material para a sua consumação. Por isso, tomai coragem e não temais. O equilíbrio deve novamente ser estabelecido, bem estabelecido; um reflexo do outro.

“É como um Reino dentro de um reino, e assim como o botão deve abrir para o seu pleno desenvolvimento e lançar novos rebentos para que a sua semente possa cumprir o seu destino, assim a Matéria deve ser toda fraturada e destruída para o progresso da força espiritual contida nela...

“Vigiai! No Dia da Páscoa a maré voltará e recuará rápida e consistentemente. Os próprios elementos lutarão do lado do Justo, e serão usados para cumprir a armadilha onde caíram. A alma das nações a ser plenamente purificada teve que sofrer ao máximo, mas não até à destruição completa, nem à perdição. Nunca assim foi ordenado na história das nações. Nunca ainda este mundo viu

as forças do Bem aniquiladas, pois sempre fica um resíduo escolhido, mesmo que esteja implantado nas almas materiais dos inimigos do Bem.

“Assim será agora, pois as nações que lutaram do lado do Justo não se mostraram inferiores. A poda foi grande e a foice ceifou, mas a colheita é grande e boa. A colheita espiritual a ser recolhida, sobra o suficiente de bem, e para os campos de colheita do mundo.

“Pensais que não há bem no Teutão? Há muito bem, e ao podar será preservado para as gerações futuras. Ele tem o seu trabalho em esferas pré-arranjadas e preconcebidas, e o seu impulso para a perfeição alemã, se penetrado pelo bem que ele opôs, fará um grande futuro. Ele adorou a força, e foi sábio até a perverter para o desejo de poder. Desprezou as outras nações porque considerou que a sua maior gentileza era fraqueza. Agora sabe e aprecia o facto de que força não é brutalidade, e que a filosofia humana dos homens santos não era mais fraca ou decadente que a sua.

“Já eles o percebem e compreendem bem: e vós também vos apercebereis de que há neles algo que foi necessário para a salvação do mundo. Espírito e Matéria devem fundir-se, interpenetrar-se e equilibrar-se; daí a necessidade da combinação do Velho com o Novo Testamento estar assim vagamente retratada. Um sem o outro é perfeito apenas na sua própria esfera.

“Por isso tudo está sujeito à Lei que nenhum mortal pode compreender: a necessidade da Matéria para o aperfeiçoamento do Espírito. Poderíamos dizer mais, mas para quê? Tudo estará bem no equilíbrio geral do futuro.”

Escrito nº 4, 30 de Março de 1918
(Sábado antes da Páscoa)

Obtido em 25 Sydenham Hill, Bristol. Não houve pergunta ou sugestão anterior sobre o tema. A leitura foi contínua durante a sessão, do “Último Abade de Glastonbury” de Crake.

“A crise que domina a situação atual na frente de batalha é, para o sentido material, bastante desfavorável. Várias forças combinam-se para produzir um efeito audaz que, contudo, começará a tornar-se mais aparente para a Europa amanhã de manhã.

“A indomável energia dos Aliados, o plano sólido em que lutam, a perfeição das suas manobras e as suas comunicações ininterruptas, tudo isso se combina para criar uma barreira contra a qual o inimigo esbarrará em vão com as forças do seu exército. No entanto, as boas influências mencionadas são nada no equilíbrio quando comparadas com a consciência de integridade e honestidade de propósito que sustenta as suas almas.

“Dia após dia, a nação teutónica desperta ainda mais vivamente para a verdade que durante tanto tempo lhe esteve oculta, e o grande e até agora impenetrável véu de falsidade e diplomacia intrigante torna-se, correspondendo, cada vez mais ténue e impotente.

É esta força imparcial que decide o dia, e uma vez que o inimigo perceba que perdeu a ofensiva, a sua alma voltará instintivamente para aquele trabalho que a sua individualidade incansável sempre lhe exige. Durante os últimos quarenta anos toda a nação esteve cega — cortada daquele sentido rigoroso da verdade que é parte da alma da Humanidade. É sempre perigoso ser insular, e até nações que, pelo seu inato sentido de honra e virtude, poderiam ser consideradas imunes, sofreram no passado por esta causa — nomeadamente a Inglaterra, que, como todas as nações insulares, tem os seus perigos.

“O despertar da alma desta grande e equivocada nação alemã será o fim da sua força bélica, e uma nova força apresentar-se-á que destruirá a guerra completamente e a derrubará.

“Esta reabilitação e regeneração da própria nação e a recuperação do seu lugar entre as nações farão com que ela recupere o respeito e a confiança mútua.

“Amanhã, como já dissemos, será manifesto o primeiro grande sinal de fracasso, e o que se seguirá, já vos dissemos.

“A Natureza e as forças naturais conduzem a humanidade, contra a vontade dos seus diplomatas, a um pacto para a preservação e proteção mútuas, enquanto o pêndulo oscilará, mostrando em breve a Alemanha não só do lado da Humanidade, mas na linha da frente de uma nova ameaça que em breve surgirá. Aquele que tanto pecou cumprirá assim a sua própria salvação.

“Não temais a Democracia, se for devidamente guiada e instruída. A ignorância é o grande perigo de um mundo governado pelo Intelecto, assim como os sentidos são inimigos da Intuição. Antigamente, a guerra na Terra era entre estas últimas forças, mas agora ela elevou-se a um plano superior, e assim as primeiras são as forças em luta no desenvolvimento da raça humana.

“Passará: mas, até que passe, muitos exigir-se-ão conhecimento dos poucos. Haverá frequentes recaídas. Os princípios, as intuições, estão noutra esfera onde predomina a influência do Bem, mas por agora o Intelecto traiu as Intuições... Os fracassos das civilizações passadas residiam no facto de o ciúme pelo domínio do conhecimento ter levado os homens a mantê-lo em cultos secretos e nos corpos das sociedades... e separados pela sua superioridade intelectual esqueceram a fraternidade do Homem.

E por fim a ignorância total da multidão, sem ser controlada por qualquer nobreza de instrução, ergueu-se como uma chama e varreu os grupos brilhantes.

“De que valia o conhecimento desses grupos para as massas que rastejavam abaixo das paredes do Templo?... O orgulho pela posse das joias do conhecimento, que a multidão nunca possuía, trouxe o seu próprio castigo.

“Não é assim agora. A ilusão desaparece, e todo o conhecimento está aberto àqueles que têm o poder de o procurar. E como a alma do Homem aspira sempre a esses dons preciosos dos quais até o mais ignorante tem consciência, não há agora sensação de injustiça que cause ciúme, e o perigo que rodeava a aquisição do conhecimento deixou de existir. Por isso, adquiram Conhecimento: não se afastem da Luz...

“A Luz da Palavra é a consumação de todas as coisas humanas: o martírio da Matéria e o correspondente crescimento da manifestação física do Espírito. Não temos mais nada para vos dizer agora, mas ponderai e sede gratos.”

Escrito nº 5, 31 de Março de 1918
(Dia de Páscoa)

Obtido em 25 Sydenham Hill, Bristol. Hora: das 12h às 13h. Nenhum assunto sugerido, mas antes de se sentar, F.B.B. comentou a dificuldade de ler o escrito recentemente dado e expressou a esperança de que qualquer coisa não entendida pudesse ser repetida. A leitura durante esta sessão foi do “Último Abade de Glastonbury” de Crake.

“Temos procurado chamar a vossa atenção para o perigo de apoiar uma filosofia intelectual e sublime sobre uma base de ignorância e paixão, e para a necessidade de uma cooperação próxima de todas as camadas através do elemento do amor fraternal, que é a base do Cristianismo, que afinal não é mais do que a filosofia inspirada de eras anteriores penetrada pela Humanidade manifestada.

“O sistema inteiro do passado foi necessário na época da sua criação; mas pela sua própria natureza estava condenado ao fracasso no plano físico ou comunitário. Pela sua própria natureza, a única filosofia e a única crença que podem persistir são aquelas que se desenvolvem ao mais alto grau do lado intelectual, e que ainda assim permeiam e guiam os membros mais fracos e controlam os seus pensamentos e ações através da aceitação inconsciente pela mente instintiva da superioridade do Intelecto sobre a Intuição.

“O Intelecto é o resultado da penetração da Matéria pelo Espírito, cuja única expressão reside na Intuição. A Intuição manifestada é a Palavra revestida da carne, o Cristo regente no Homem. O Intelecto é por natureza carente de simpatia pela Humanidade, e a Humanidade revolta-se. Contudo, o Intelecto como força dominante interpenetra todo o futuro da Humanidade, sendo consciente como uma vaga força através de todo o corpo da Humanidade, e o espírito luta por ele.

A ignorância e a Intuição precisam de orientação, com controlo constante, e a força controladora do passado careceu do poder físico para controlar no plano físico. A linha de demarcação tem sido tão claramente definida que a árvore não tem raiz no solo da Matéria. Mas que a árvore tenha raiz profunda no solo, e as tempestades da matéria e da emoção baterão nela em vão.

“‘Tenham raiz para que não murchem.’ Isto queremos explicar-vos. A Alemanha tem exibido uma espécie de deformidade: o Intelecto lidera e controla, mas está indissoluvelmente envolvido numa forma de Matéria — Força e Violência. E nesta união mortal dominou o mundo para o mal. Mas para o futuro do mundo, esta influência e associação passarão rapidamente.”

“Mas alguns deles recordam que a era dourada representará a mistura proporcional do Intelecto e da Matéria — condições cujo nascimento terá necessariamente de ser acompanhado por tempestades e tensões em ambas as esferas de influência.

“Rendições e revoltas mútuas: as dores do parto; ou antes, as ações e reações do reajustamento. A presente guerra é simplesmente uma demonstração deste reajustamento — um crescimento mau a ser podado e controlado; um sinal, mas não uma necessidade, de funções e desenvolvimentos acelerados. Mas o fim último é inevitável e certo, e o parto evitará um crescimento anormal e canceroso no corpo político — a Humanidade.

Cada membro deste Corpo, a seu tempo, desempenhará as funções para que foi ordenado. Mas a obediência cega não foi ordenada para sempre. As mãos devem conhecer as intenções da cabeça, e ser treinadas para desempenhar as suas funções antes que o trabalho possa prosseguir sem interrupção. Mas o período de treino é difícil e cheio de problemas e perdas. É isto que queremos explicar-vos.

“Hoje o equilíbrio muda, e em breve será manifesto para todo o mundo. Que a Humanidade se dê as mãos e nunca quebre a corrente. Assim a influência do maior permeia o todo no tempo marcado.

“Assim, quando o tempo amadurecer, a Vida prolongar-se-á indefinidamente, e a Matéria, em completa união com o Espírito, será igualmente eterna; mas não agora, pois a Matéria ainda não está purificada.”

(A notável concretização da previsão da Páscoa é comentada noutro local. A data é atestada por Sir William Barrett, F.R.S., e Lady Barrett. — F.B.B.)

Escrito nº 6, 17 de Abril de 1918

Em Sydenham Hill, ao meio-dia. A conversa tinha sido sobre temas literários, com breve referência às notícias da guerra da manhã, que eram graves. F.B.B. leu durante a sessão o romance “The Council of Justice” de Edgar Wallace.

“Não considereis as aparências exteriores, mas na tempestade e tumulto da Matéria podeis ver, em vez disso, uma consciência das verdadeiras influências espirituais, das quais estes sinais são apenas uma manifestação, causando frequentemente aquilo que chamamos antítese, a escuridão sobre a qual as forças espirituais se manifestam.

“Assim, quando vos dissemos que a mudança ocorreria no domingo chamado Páscoa, vimos apenas o facto de que então, pela primeira vez, o Espírito do Direito, da Verdade e da Justiça se tornaria... estampado nas almas das Potências Centrais que percebiam que tinham seguido cegamente e às escuras as ordens dos seus governantes...

“As suas almas estão a despertar para a loucura e o custo do seu crime. Como ovelhas para o abate, avançam, impulsionadas pelos açoites e flagelos dos seus líderes; inclinadas ao suicídio caso a sorte lhes falhe, pois tudo estará então perdido, e só a morte restará. Mas o Espírito derrotará a Matéria e a vitória num plano torna-se mais completa mesmo quando o triunfo da força física se torna mais acentuado. Surge também agora a reação do poder espiritual para leste, enquanto a vaga completa para oeste, e com ela a marcha para a derrota, continua.

O fim já é discernível, mas embora a Matéria se esforce por conquistar o Espírito, na décima primeira hora o esforço do Espírito manifestar-se-á. O combate torna-se ainda mais perigoso: e os Vigilantes esperam na torre. Haverá muito por fazer antes que o Espírito possa triunfar, e do lado do direito e da justiça há ainda muito a limpar. Se a paz fosse alcançada, uma condição de Paz transcenderia o uso da guerra. Tudo é o parto doloroso de uma Raça, e não deve ser esquivado, nem escondido por métodos falsos. Se não houvesse ofensiva, a guerra nunca terminaria senão em estagnação e exaustão.

O movimento era necessário para um resultado contrário aos ofensores. Convosco, à medida que o poder da Matéria falha, assim o Espírito fortalecer-se-á. Não é a decadência do Destino, mas a poda para melhor frutificação da jovem árvore. Não temais o resultado. O solo está formado e enriquecido com o sangue dos mortos. As forças espirituais combinam-se na seiva corrente, que em breve produzirá as flores e os bons frutos da árvore, e na árvore cortada até às raízes na Matéria será enxertado um novo espírito. Portanto, olhai para além dos resultados imediatos; eles são inevitavelmente perfeitos.

Que importa o sofrimento do corpo, pessoal ou nacional? Um a um os sinais de regeneração se manifestaram; e — aquilo que nunca podereis compreender — o Novo Espírito formado nas nações que necessitam de regeneração. Quem pode ver a Conversão, ou compreender o seu espantoso milagre, senão pelas suas obras? Por estas um espírito se manifesta, e não pode haver mudança súbita. Mas na Alemanha, e mais notavelmente na Áustria, a mudança de mentalidade torna-se cada vez mais evidente.”

As últimas passagens deste escrito são indecifráveis. A escrita é muito difícil em todo o texto. E. G. P. testemunha a data da escrita. — F.B.B.

Escrito nº 7, 18 de Abril de 1918

Houve duas sessões em Sydenham Hill, uma ao meio-dia e a segunda uma hora após o fim da primeira. Só se dá o segundo escrito, pois o primeiro não teve referência à guerra. Este foi precedido por um comentário de F.B.B., que disse: “Perdemos muito do que nos foi contado sobre a guerra, e ficaremos gratos se pudermos ouvir novamente.” F.B.B. lia de “Poems. Op. 1” de Dorothy Sayers.

“Maio provará a afirmação que temos feito e frequentemente repetido a vós. O avanço das forças materiais delineia o plano adotado, e carrega o inimigo pelas terras férteis que se situam a oeste dele. A onda crescente de realização e verdade varre para leste. Por isso vos dissemos que o coração do inimigo se enfraquece com medo e a consciência do mal feito. Toda a glória, e tudo pelo que luta, desmorona-se em escória perante a descoberta de que está enganado e traído.

A amargura contra os seus governantes cresce enquanto as suas forças avançam desesperadamente contra toda a oposição com crescente ferocidade; e os próprios golpes que desferem contra a oposição dos Aliados são na verdade dirigidos ao coração e à vida dos seus traidores. Tais condições não podem persistir, mas devem romper e terminar numa rápida decadência e reação, assim como um bruto moribundo tem maior fúria no seu último lampejo de força, embora saiba que o seu fim chegou.

“Estas coisas dizemos. Isto sabemos, e as tendências que acompanham as ações físicas são evidentes para nós nos nossos lugares. Portanto, aqueles que podam a árvore não choram as folhas que caem nem os ramos que secam. Só vós sois a árvore, saudável e regenerada; alegrai-vos, e nunca vos entristeçais.”

Escrito nº 8, 19 de Abril de 1918

Em Sydenham Hill (manhã), F.B.B. leu em voz alta durante toda a sessão, de “National Spirit of Japan” do Dr. Honaga. A primeira parte deste escrito refere-se apenas a princípios abstratos, e não é dada aqui.

“Demos-vos o fim espiritual da guerra para o dia vinte e seis de Agosto, e a manifestação material pode, e deve, coincidir. Temos esta dificuldade, que embora controlemos ... nas forças puramente espirituais que se manifestam na Matéria, frequentemente não estamos conscientes dos movimentos desprovidos de espírito da Matéria após a retirada do trabalho espiritual no Tempo.”

“Assim como o oceano pode continuar a ondular e a inchar muito tempo depois de a tempestade que o moveu ter passado; e assim como os conflitos entre indivíduos podem persistir muito tempo depois de a raiva e a oposição terem desaparecido das suas almas, assim uma aparência exterior de guerra pode continuar esporadicamente e intermitentemente muito tempo depois de as nações em confronto terem deixado de a desejar.

Segue-se uma passagem curta que não foi decifrada satisfatoriamente...

Mas mesmo agora os combatentes cederam ao espírito de paz e benevolência a tal ponto que se poderá questionar se algum número das forças opostas — para além dos seus líderes, que têm tudo a ganhar ou perder com uma decisão — não deseja ardentemente acabar com a guerra; e as nações lamentam sinceramente, desejam apenas a paz, e só aqueles que são responsáveis continuam ativamente em oposição para salvar as suas próprias peles.

Quem pode sondar os corações dos Chefes das Nações? — pois dizemos-vos a verdade quando afirmamos que aquele a quem chamais Kaiser sofre, e há muito sofre, um martírio de agonia da alma comparado ao qual a morte seria alívio. Assim é com todos os que lutaram do lado do erro. Do lado dos Aliados isso é menos evidente, pois, enquanto nação, possuístes e sois apoiados por uma consciência original do Direito, que ainda vos sustenta apesar de inúmeras dúvidas.

“Confortastes-vos com a convicção de que lutastes pelo Direito, pela Liberdade e pelas nações mais fracas. Com convicções intensas e meritórias vos apoiam e confortam, e escondem a grande necessidade subjacente de atividades comerciais, pessoais e nacionais que foram igualmente poderosas na aceitação do desafio da batalha. A preponderância do direito consciente está do vosso lado, e a isto juntastes o facto de terdes travado uma guerra de acordo com princípios espirituais e não materiais e brutais, e assim os vossos espíritos estão exaltados acima dos do vosso inimigo.

“Contudo, em ambas as nações, os elementos ou princípios que conduziram à guerra eram muitas vezes idênticos, e na sua maioria incompatíveis — isto é, do ponto de vista relativo das duas nações. A verdadeira razão pela qual a balança caiu a vosso favor é intrinsecamente esta: o fundamento dos vossos métodos no espiritual e não no material e brutal.

“Vós escolhestes o espiritual; eles o brutal. Assim differis. Por isso há uma razão no esquema universal para a vitória sobre a Matéria e os princípios da Matéria.

“A sobrevivência do mais apto — a melhor base de governo — estes alinham-se do lado do inimigo; e em condições normais e no desenvolvimento do melhor para o Homem, deveriam ter vencido. Mas como sabeis, e como vos dissemos, a Era do Espírito chega rapidamente, e as velhas condições estão a

acabar. Por isso vencerão, e assim a velha era termina. A intenção da guerra, a interpenetração da força material dos vencedores pelo espírito e alma dos vencidos, já não é necessária nem desejável.

Pela primeira vez na história da humanidade, as regras foram removidas e invertidas, porque agora, pela primeira vez na evolução da Terra, o Espírito não só domina triunfantemente a Matéria, mas essa dominação tem finalmente sido necessária para o melhoramento da Humanidade. Achamos que isto vos ficou agora claro, e compreenderão, à luz do que vos explicámos anteriormente. Para resumir, explicaremos mais uma vez.

O inimigo lutou com princípios que, em tempos passados, teriam inevitavelmente trazido vitória, na medida em que os seus princípios eram para o aperfeiçoamento físico e material da Raça. E assim sempre foi até hoje. E sempre, quando o mundo afundou-se de uma civilização falsa nas trevas do barbarismo e ruína, então desse estado, as flores do jardim são espalhadas e difundem o seu perfume por toda a parte.

“Assim, pela primeira vez, estas já não têm de cair, e embora após a guerra haja muita dor e sofrimento, muita poda e enxertia necessárias, em vez da destruição da Civilização para o aperfeiçoamento final da raça. A Civilização é considerada indigno desta penalização e é ainda permitida existir, falha, defeituosa, mas capaz de ser podada e convertida para perfeições superiores.

“Assim, em lugar dos horrores da conquista seguir-se-ão as dores da reconstrução. Isto tentámos explicar-vos.”

Escrito nº 9, 1 de Junho de 1918

Obtido em Sydenham Hill, Bristol, 12:25 P.M. F.B.B. pediu mais informações sobre outras formas de vida no Universo, para complementar uma breve referência num escrito recente. Esta comunicação, porém, não se refere a isso, e dedica-se largamente a um estudo filosófico da alma da Alemanha. Esta parte é dada abaixo. Durante a sessão, F.B.B. leu em voz alta continuamente “Life of Joseph Grimaldi” de Boz.

O escrito começa com uma descrição de certas forças móveis e vitais que afectam a Matéria, uma das quais é o efeito do magnetismo solar em induzir uma tendência para oeste, na Natureza animada, impulsionando tribos e nações para oeste em conquista, aventura e migração. Este é um efeito físico, mas há uma correspondente reacção espiritual numa direção para leste, em oposição à tendência da Matéria. Aqui o argumento é aplicado da seguinte forma:

“Enquanto a Matéria na sua peregrinação é impulsionada para oeste, o Espírito, a Intuição olham para leste em busca da fonte da sua redenção, na

medida em que o Espírito está revestido e influenciado pela Matéria na qual está envolvido. Neste momento, nesta crise na história do mundo, as raças da Terra encontram-se numa condição de complexidade sem paralelo, pois a libertação de novas forças é mundial e não local, tanto física como — e ainda mais — espiritualmente. E é necessário estar sem corpo e influenciado apenas pelas condições espirituais em que estamos envolvidos para dar qualquer impressão verdadeira, ou para dominar as condições das suas revoluções internas.

“Em primeiro lugar, tendes um vasto Grupo-Racial ou Espírito-Racial, drogado por enganos num coma espiritual, existindo apenas como uma vasta manifestação física: uma nação que existe simplesmente como um vasto grupo espiritual racial dividido e materializado, tremendamente potente no plano material pela coesão das suas partes: uma nação lançada numa direção sob a influência de uma manifestação crescente do que podeis chamar ‘Destino’, distinta do controlo solar, embora atuando em conjunto e em completa harmonia com o Magnetismo Solar.

A isto junta-se um controlo de grandes forças intelectuais que baixaram tanto influências espirituais como intuitivas para o seu próprio nível material, e as dominaram para a sua intenção apóstata de controlar um mundo não só de Matéria mas também de Espírito. Aqui está um Macrocosmo completo e perfeitamente equipado — um Poder de Deus na Terra, seduzido e apóstata, e uma mancha na crescente glória da manifestação de Deus: um corpo perfeito e enérgico na saúde relativamente ao trabalho que realiza, que constitui MATÉRIA PERFEITA, mas imperfeita por se ter cortado, com a espada do Intelecto, do Espírito de Deus, que deveria ser todo-poderoso.”

“Aí tens a maior influência do grosso material libertado contra todo o Corpo espiritual de Deus na Sua manifestação sobre a Terra. Segue a lei da influência solar. Ela tende corporalmente para oeste. A força material, o puramente animal, tende a bater com força irresistível contra os seus limites ocidentais. Mas o espírito, acorrentado e envolvido nesse fluxo ocidental da Matéria, cedendo em parte à sua influência, mesmo na sua situação apóstata volta-se para o Oriente e, como reação, bate com asas invisíveis desejando espalhar-se para a Ásia e o Oriente.

“Neste detalhe (Alemanha) é uma casa dividida contra si mesma: e só neste detalhe. Se fosse absolutamente unida, nenhum equilíbrio ocidental poderia controlá-la. Mas está dividida em objetivos.

“E como no corpo humano, a falha local da Matéria pode ser controlada e eventualmente removida pela influência do espírito, a vontade produzindo a recuperação final; assim, com o tempo, a divisão entre espírito e corpo na constituição destas nações derrotará ao mesmo tempo o seu fim material e se corrigirá.

“Mas à medida que a derrota da Matéria no Ocidente enfraquecerá a força material ou bruta destas nações, os esforços do Espírito na tendência para Oriente purificarão, como num forno, amalgamando-se e equilibrando com elas próprias toda a espiritualidade inculta e descontrolada das raças Orientais; daí retornando vitorioso sobre o materialismo ocidental do seu corpo, para uma combinação ou recombinação final desde dentro, a sua vontade enfraquecida disciplinada. Assim várias das nações equilibrar-se-ão e reajustar-se-ão numa formação favorável ao aperfeiçoamento final de toda a raça humana pelo mundo.

“Até agora indicámos a tendência dos acontecimentos no Reino do Meio do mundo da Matéria grosseira; a fuga do espírito apóstata; a regeneração desse espírito; o retorno e o aperfeiçoamento final do Reino do Meio, não para a expressão da Matéria apenas, mas para a elevação dessa combinação poderosa, através da crucificação da adversidade, ao estado superior do Reino do Meio do Espírito.

“Assim, olhando de longe, voltemos a nossa atenção para a posição das outras nações do mundo. Lembrai que o fim último a alcançar através da maravilhosa influência do Espírito é a perfeição do Homem, primeiro para um Reino perfeito na Matéria, e depois para um Reino perfeito naquela esfera intermédia que é o Céu sobre a Terra, para cujo fim Aquele que cuida e vela vos guarda da estagnação, do Espírito confundido e enredado nas influências do Intelecto — mais — Matéria, influências que, embora não se expressem no plano da Natureza, e por vezes temporais, pois contribuíam (embora geralmente de modo oculto e prejudicial) para a solução da Conquista da Matéria pelo Espírito, produziram, não obstante, uma condição de estagnação e equilíbrio que recusou modificar o equilíbrio da balança em qualquer medida apreciável: uma condição que exigiu tratamento semelhante ao aplicado ao corpo humano em condição semelhante.

Aquilo a que chamais irritante cáustico foi aplicado. Agora, quando a inflamação desapareceu, o progresso pode recomeçar, e assim como a dor da faca ou da bolha desperta o Espírito através do meio da dor no Homem, assim a angústia de um mundo sofrido está a reanimar o espírito dormiente para um esforço maior ascendente para reassumir o controlo da Matéria, e para um progresso rápido na proporção do seu sofrimento material — que é nada na balança da intenção última.

“Temos mais a dizer, e continuaremos apesar do tumulto das questões confusas do plano material, tentando dar-vos alguma ideia do equilíbrio dos elementos espirituais e materiais pelos quais as nações em guerra são responsáveis.

“Basta que o crescimento do Espírito seja infinitamente superior ao sofrimento da Matéria, que agora vos é tão evidente.”

Escrito nº 10, 3 de Junho de 1918

Obtido em Sydenham Hill, Bristol, 12h20. F.B.B. lendo em voz alta de “Memoirs of Grimaldi” de Boz.

Este escrito retoma o fio do argumento elaborado no anterior e prossegue para descrever a condição espiritual das nações opostas à Alemanha na guerra.

“Dando seguimento ao nosso recente discurso, voltamos para o outro lado da imagem. Aqui estamos envolvidos numa condição muito mais complexa de assuntos...

“Assim, em primeiro lugar, embora à aparência externa todo o assunto pareça diferenciar-se em duas questões — Direito e Errado, Liberdade e Escravidão, Divino e Diabólico — esta diferença é mais aparente na superfície do que na sua verdadeira essência.

“Para começar: ao tomar as condições psíquicas das várias nações mais antigas individualmente, em vez de na sua complexidade de combinação, é-vos óbvio, e a nós também, que a alma da Bélgica estava degradada pela sua vaidade, pela sua depravação moral, pelo seu amor ao dinheiro, pelo seu tratamento daqueles ordens inferiores da humanidade confiados ao seu cuidado.

“Mas também a vida coletiva e individual dos seus habitantes deixava muito a desejar em matérias de decência e retidão. Havia doença no corpo político que exigia tratamento. E embora a intervenção fosse drástica, esmagadora e aparentemente desproporcional à doença que se pretendia combater, a aparente discrepância deve-se em parte a circunstâncias além da atual intenção do controlo espiritual. Por razões geográficas e outras causas físicas que se combinam para explicar os resultados.”

Por mais grande que seja a purgação, maior será a recompensa, e a limpeza da alma desta nação dará início ao renascimento e desenvolvimento de um espírito cuja glória nunca foi igualada na história dos flamengos ou valões. Mas, como indicámos, existia uma contaminação totalmente não apreciada no reino, que teve de ser erradicada para que o génio espiritual, artístico e verdadeiramente grande da nação pudesse manifestar-se sem restrições.

Seguindo numa sequência geográfica, é razoável agrupar França e Itália numa nacionalidade comum. Ambas são produto de uma raça muito dotada, a latina; cada uma provida especialmente pelo espírito da Natureza — o Espírito coletivo da Raça — com talentos extremos e uma mentalidade racial correspondente, mas cada uma falhou, pois o espírito de ambas, enquanto se desenvolvia em linhas artísticas que, na fusão do material com a expressão do espiritual, ainda era inconsciente do significado interior do simbolismo que

representavam. Aperfeiçoaram o Símbolo, esquecendo a grande Causa do Símbolo.

E por isso não são inteiramente responsáveis, dado que cada nação tem sofrido durante muito tempo a influência (e a reação contra essa influência) de um tipo de catolicismo que concentrou o seu motivo espiritual durante tanto tempo na perfeição e glória do seu simbolismo. O espírito estava presente, mas oculto pela magnificência e pelo materialismo espetacular das suas formas e símbolos. Aqui fazemos uma digressão para chamar a atenção para a corrupção da razão, do julgamento e da intuição com vista à obtenção do poder temporal, e aos fins mais obscuros que conduzem a esse poder temporal.

Em Inglaterra, por outro lado, o espiritual era abertamente expresso no símbolo, com verdadeira apreciação do Original. O coração era sadio, o cérebro era sadio, mas o corpo entregue aos seus próprios desejos e à aquisição do lucro que deveria servir esses desejos — entregando e prostituindo conscientemente a sua retidão consciente às reivindicações da Matéria, através de uma expressão nacional muito prática e natural do génio.

A apostasia não estava no espírito, embora os resultados no plano material fossem igualmente potentes para o mal, devido à grande autoridade dessa nação no plano material. De quem é muito esperado, se for muito dotado no espiritual, no intuitivo; mas daqueles que são mais especialmente materiais no equilíbrio da Natureza, exige-se menos no espiritual, embora se espere mais no plano material.

E o próximo: aquele grupo complexo do outro lado do Atlântico. Existe, na nação, o Espírito do Grupo, apenas uma combinação complexa de muitas ordens de Espírito e Matéria provenientes dos grupos espirituais de todo o mundo. Ainda assim, e é mérito deste Continente da Humanidade que, apesar de não ser guiado por um consenso através do seu Espírito de Raça — esse meio tão poderoso na nação a que agora se opõe —, ele próprio, nas suas unidades separadas, acabou por responder, após longa demora, contradição e propósitos cruzados, com um só coração ao apelo da Lei da Natureza que está acima de todos os agrupamentos tribais; e como uma única corporação inteligente individual, surgiu, como um grande país, colocando-se do lado do Direito intrínseco.

Sendo assim, não há volta atrás; mas comprometidos com a força da sua própria intuição individual para apoiar essa Grande Lei, que é Deus, na medida em que é a reprodução direta de Deus no Seu corpo de matéria, nunca falharão nem mudarão até que a podridão seja removida.

Jovem, incipiente, incapaz de expressar o Espírito neste plano da Matéria devido à falta de experiência do seu corpo político para se expressar, fala ainda assim com voz firme e prevalecerá. O outro, a terra solitária que deveria guardar o Oriente, caiu, pois as suas intuições não desenvolvidas se tornaram

presa fácil do controlo intelectual da força desenvolvida interna e externa. Em espírito, ela também esqueceu o Grande Original na glória e complexidade do seu simbolismo. E a sua intuição, privada do lastro da experiência e do julgamento material, como todo o poder não controlado, irrompeu na direção da menor resistência, seguindo vagamente, no seu sentido pouco desenvolvido de bondade, os instintos da Lei da Natureza, isto é, Amor e Humanidade; mas como uma multidão incapaz de se expressar, perverteu uma intenção correta em egoísmo libertino, confundindo licença com liberdade, e o brilho banal da manifestação grosseiramente material com o alto ideal.

Aqui, como poderão observar, a humanidade do mundo inteiro encontra-se entre a pedra de moinho superior e a inferior. Focada em destruir a tirania, corre o risco de ser esmagada em partículas pela pedra inferior. Pois a Humanidade sente o seu ideal espiritual numa verdadeira fraternidade do Homem, ligada dos pés à cabeça numa malha multifacetada e colorida de amor, humano e divino.

Esta é a verdadeira Democracia, assente e fundada na fraternidade e no amor a Deus e ao Homem; amor que penetra por cada poro não só da Humanidade, mas de toda a Criação — o Corpo manifestado de Deus: não com igualdade dos componentes individuais, mas na igualdade dos Filhos de Deus — células do Seu Corpo Divino, mas desiguais, se assim o considerarem desigualdade, na forma de propósito.

Este é o verdadeiro governo, e aproxima-se inevitavelmente com movimento acelerado — não a chamada Democracia, que é a soberania invertida, os Pés de Barro no poder e a controlar aquilo que está excessivamente especializado, mas essa Humanidade que é a intenção original do Cristianismo, ligada em amor e simpatia imortais, mas ainda um Governo de todos no Amor, pelos elementos superiores e especializados e intelectos dos menos materiais entre as massas: iguais na intuição enquanto Filhos de Deus, mas desiguais na mestria material e na compreensão intelectual e expressão que conduzem à verdadeira e firme diferenciação em aristocracias e intelectuais. Estes mostram uma diferença...

Grande é o poder do intelecto puro com o poder da simpatia perfeita. O verdadeiro aristocrata, o líder intuitivo, a grande alma ou paixão, necessita do Intelecto, necessita da Mente, mas governa por virtude dessa Simpatia intuitiva e divina. Assim, cada célula especializada no Corpo Divino da Humanidade deveria contribuir para o todo perfeito; não seguindo aquela lei comum dos mais baixos instintos de inveja, ciúme e cobiça, mal denominados Democracia, mas antes nesse sistema superior do qual a Realeza e o seu sistema de governo acompanhante são o símbolo quase perfeito, mas que, na sua perfeição espiritual, nunca foi manifestado na Terra devido ao egoísmo ou à loucura da natureza humana imperfeita enredada no material.

Há livre-arbítrio na Natureza como no Homem individualmente, e também na grande lei da Natureza, que é a expressão completa não só de Deus na Natureza, mas de Deus na Humanidade. A guerra, terrível embora seja no seu aspeto presente, ao despertar o amor fraternal e estimular o Espírito, salvou o mundo inteiro do Homem de algo infinitamente mais terrível — a influência da Matéria na materialização das massas, para a destruição de todas as coisas espirituais.

Isto teria sido a apostasia não de um espírito racial sob o controlo do Intelecto, que começou como possuidor do Espírito (com o qual está mais próximo associado), mas a rendição ao controlo insano da Besta no Homem, impulsionada por um ímpeto exigente e não espiritual para a destruição de tudo o que é verdadeiro, belo e espiritual neste mundo inferior.

Cuidado, vós, fanáticos. Cuidado, vós, delirantes, vós, sonhadores pervertidos e desequilibrados de grandes coisas que, delirando pela terra, estão a liderar e a dirigir a Besta, a verdadeira Besta do Apocalipse.

Não só vos envolveis a vós próprios, mas ao mundo inteiro dos vossos ideais numa ruína comum, e pelo livre-arbítrio mal direcionado, que está completamente pervertido, atrasais o relógio por gerações. Agora é o tempo designado, pois o Eu e as suas fraquezas são o pêndulo que oscila para a mais negra noite do barbarismo.

Segue o Espírito! Cede à influência do Divino, que desejaria controlar-te — e o mundo avança pelo maior passo que alguma vez deu, para as fronteiras do Reino, o Milénio.

Trevas e Luz! Eu e Deus; apelo ao mais baixo e ao mais alto. Qual, no alívio da ameaça iminente, aceitarás?

Escrito nº II

Incluindo partes dos escritos de 10 e 12 de julho

O escrito de 10 de julho estava inacabado e, na sessão seguinte, dois dias depois, retomou-se o fio do primeiro. Uma parte destes escritos está reservada para publicação futura, pois não é muito relevante para o assunto do presente volume. Ambos os escritos são muito difíceis de decifrar e nenhum foi transcrito até dezembro de 1918. As partes aqui apresentadas podem ser tomadas em conjunto com o escrito fragmentário de 13 de março.

Do escrito de 10 de julho

Gostaríamos de apontar que a simplicidade e a falta de complexidade nas personalidades dos membros de um clã, e a identidade da sua ascendência, favorecem uma maior resposta intuitiva às vibrações de cada um. A questão da vibração simpática é a chave para toda a comunicação e expressão da

Personalidade entre Deus e o Homem, pois a Simpatia responde e a Antipatia é uma dissonância que provoca o caos na Vida e na Natureza.

Estranhamente, esta influência vibracional, no que diz respeito às vibrações materiais e não espirituais, é intensificada na massa e volume de Matéria inanimada que constitui um distrito ou país — o que significa que o Espírito da Raça, como o chamais, reside mais nessa Matéria inanimada do que nos corpos das pessoas vivas. Isto explica o desejo de regressar a casa que possui todas as raças estabelecidas há mais tempo.

E embora a constituição das fronteiras seja geralmente considerada um arranjo puramente artificial, isso não é verdade; antes é a obediência inconsciente dos vivos aos ditames do Espírito Racial que reside permanentemente nas terras que as raças há muito habitam.

Assim, quando as fronteiras são violadas, o Espírito da Raça revolta-se: habita o seu ambiente, mas é chamado a agir sobre um meio vivo estranho à sua natureza. Assim, e em consequência, uma de duas coisas deve acontecer: ou as fronteiras são retificadas, ou a raça invasora deve ser transformada à imagem e características da raça que transplantou. Isso nem sempre é evidente, pois ao longo das gerações acontece muitas vezes que as raças que antes possuíam a terra regressam como conquistadores à terra dos seus antepassados; e isso tem acontecido mais vezes do que as pessoas vivas tendem a perceber.

Mas na guerra que agora decorre, raças absolutamente e essencialmente contrastantes encontram-se em território estranho, e enquanto isto não for ajustado, não haverá paz alguma. O espírito do Latim nunca aceitará o Teutão, embora este possa conquistar fortuna com Eslavos e Flamengos, embora no que diz respeito a estes últimos com dificuldade e ressentimento. Mas a tempestade passa e a força moral da expansão Teutónica está agora completamente esgotada e o significado mais amplo da sua ofensiva já passou.

Podem avançar e podem atacar novos territórios, mas o espírito está morto e os poderes da Terra sobre os quais queriam controlar estão agora a opor-se e a derrotá-los. A sua residência nas terras conquistadas está mesmo a alterar-se e a converter o invasor numa semelhança dos nativos que matou.

Como dissemos, o Fim aproxima-se, e quatro anos, e o período da resistência da Matéria verá o fim. A Rússia desperta. A sua alma chama-a... (aqui o escrito foi interrompido).

Interpreto isto como significando quatro anos mais o período da resistência da Matéria; ligando esta passagem à noção que noutro lado se encontra do movimento continuado das águas depois da tempestade ter passado.

**Compare-se a opinião do Conde Hertling, citada na pág. 128. Seria interessante saber se há algum fundamento para esta estranha afirmação em factos observados. F.B.B.*

Escrito de 12 de julho

Só algumas palavras do último escrito tinham sido decifradas quando esta sessão começou. F.B.B. tinha percebido que tinha alguma relação com a guerra e, como foi necessário interromper, iniciou a sessão atual com a pergunta: — “Estavas a falar-nos da Guerra e das relações das diferentes raças envolvidas, mas tivemos de interromper. Poderias dizer mais sobre este assunto? Manténs a data dada para o fim? Quando devemos esperar o grande desastre da Alemanha no Ocidente?”

“Entenderão portanto que as limitações das fronteiras, ou melhor, os resultados do agrupamento, têm as suas várias condições, o Espírito da Raça estando geralmente confinado a certas áreas que já referimos anteriormente como Nódulos ou esferas de influência no campo magnético geral da Terra.

Para compreender isto, devem primeiro apreciar a estreita ligação entre Vida e Eletricidade; sendo a Eletricidade, de facto, o veículo da Vida, o elo de ligação, o fluxo de e para o Espírito e a Matéria.

Esta influência sendo inteiramente espiritual, campos de influência bastante ubíquos podem ser utilizados pelos poderes do Homem encarnado, e podem ser concentrados por reações da Matéria... mas estas condições só procriam Vida, e não a Entidade, que exige a Involução do Espírito, em vez da sua influência externa. No entanto, como a energia prototípica do Espírito está involuída em nódulos, a sua influência manifesta-se mesmo sem esforço ou expressão individual.

No entanto, uma vez na história deste mundo, uma tribo ou clã, pelo exercício do consentimento comum — ou antes, como uma primeira manifestação do Livre-Arbítrio num grupo de entidades que atuavam por consentimento comum, como consequência da relação de sangue e ainda mais pelo entrelaçamento e intuição de pensadores avançados (começando numa vertente especializada da intuição religiosa), separou-se da comunidade da Humanidade e ficou à parte da Raça Humana.

Isto foi um prelúdio para a chegada final da consciência e do livre-arbítrio no indivíduo, pois com essa chegada — a perspetiva da Individualidade — Pessoal — veio... a receção de uma responsabilidade pessoal antes desconhecida, salvo no Veículo aceito para tal responsabilidade, dotado de Livre-Arbítrio por toda a Terra: e assim se manifestou o nascimento do Christus no indivíduo.

Com as Tribos do número original espalhadas pela Terra, cada uma responsável conforme o seu ambiente, duvidais que a Visão dos Pastores nas

planícies iluminadas pela lua da Judeia fosse realmente uma percepção verdadeira da abertura de uma nova era na história do mundo? Não tendes razão para duvidar da autenticidade e da precisão histórica da narrativa das Escrituras: pois mesmo como na escrita não inspirada do grupo racial hebraico, a História foi detalhada em obediência à intenção espiritual expressa aos seus líderes escolhidos, essencialmente e em perfeita verdade, através de um ajustamento imperfeito (ou pelo menos aparente) à Cronologia e ao Facto, — assim de facto a vinda de uma Nova Revelação foi verdadeira e acuradamente expressa em matéria de Tempo, Facto e Localidade, embora para o intelecto material não haja vestígio seguro no hebraico da história.

Assim percebem que a parábola espiritual, não tendo expressão temporal ou material, não pode corresponder aos factos escritos e aceites do Tempo e do Lugar. Aqueles que encontraram na intuição do seu espírito os factos remotos e materialmente apresentados das mudanças espirituais esforçaram-se por expressar, na língua da sua nação, as impressões que, na sua intuição, sentiam serem factos espirituais.

Estavam certos: e, no período antes e depois da suposta data do Anno Domini, a Alma Individual Embrião recebeu a liberdade de escolha independente da Paternidade da Raça: e, como o Christus apareceu na Terra, lá, na Casa da nossa Raça, no centro do mundo conhecido, numa data tão tardia como a era aceite pela tradição da Igreja, o Cristo nasceu; não esporadicamente, mas como o Primogénito, o Primeiro fruto, que, emanando como a primeira intuição do Homem na forma mais pequena — o Núcleo de um único indivíduo, passou primeiro pelo meio das cabeças-ramos da Raça-Mãe, por toda a extensão da Terra conhecida.

Nações que estavam além da influência destes agrupamentos assimilaram apenas parcialmente este fenómeno; e até hoje carecem das influências mais suaves nas quais a sua moral se baseava. Mas, ao espalharem-se pelo mundo e ao absorverem fisicamente o temperamento e espírito das verdadeiras raças asiáticas, podem esperar crescer em verdadeira graça; e para isso será necessário um longo intervalo de tempo.

São os Filisteus, adoradores do Sol, duros, ferozes, brilhantes — mundanos e não espirituais, comparados com a natureza mais espiritual dos místicos adoradores da Lua.

Que pensais do Nascimento do Espírito e do seu crescimento no Homem? Já vos dissemos que só as emoções e intuições são transmitidas à criança pelos seus pais. Com a herança assim facultada para a receção do conhecimento parental, não houve aumento do Espírito por muitas eras. O Homem era governado pelo Instinto transmitido de geração em geração pelo meio do Espírito da Raça, que, sendo em parte o resultado de interações materiais, era

ainda assim afetado pelo Espírito do Criador e tornava-se em grande medida receptivo às Suas impressões.

Assim, no Espírito da Raça, as intuições cresceram e desenvolveram-se até que, naquela Raça Escolhida, as emoções do Homem se tornaram plenamente encarnadas, embora não espirituais, mas controladas e vigiadas pelo meio dos seus Guias.

Mas o Espírito Embrião de Deus, o Filho Embrião do Pai, ainda não habitava as moradas que, através de inúmeras eras, estavam a ser preparadas para a Sua majestade e perfeições. Assim, quando a Casa foi feita à semelhança e Microcosmo de Deus, e mobiliada pelos Seus Santos e em obediência às Suas instruções com as Intuições que são os Seus atributos: e após a quadratura e aperfeiçoamento de tudo, Ele colocou aí um Filho Seu em germe, uma Personalidade da Sua própria Esplendor dentro deste recetáculo, — e deixou-O ali, um Bebê em panos, e para Seus Ministros as Intuições e Emoções, como servos da Sua Majestade. E assim equipado, Ele reinou.

Lá, nessa Casa, teve a oportunidade de crescer e desenvolver-se até à divindade, mas incapaz de abrir a porta da mansão e sair, a não ser que aqueles que O serviam estivessem dispostos a obedecer. O Livre-Arbítrio estava com os servos e com os poderes preventivos que a grosseira materialidade muitas vezes resiste.

Pela influência dos servos, as Emoções, até as próprias paredes da Casa podem servir ao Mestre Real, pedra chamando pedra e viga chamando viga, até que em perfeita harmonia o Edifício se torne parte integrante do Divino Habitante — tornando-se dourado e glorificado, e transcendendo-se a si próprio para um estado de glória espiritual; e, assim transformado, deixa de ser Matéria para ser Espírito expresso em Matéria.

Isto tentamos explicar vagamente: e aqui, na Galileia, foi instituída a primeira pedra. Com a Vinda do Christus vem a responsabilidade pelo Seu crescimento, e o poder para obter essa resposta verdadeiramente; mas, novamente, as Vontades — os Ministros — devem voluntariamente colocar-se em simpatia vibracional com o crescimento infantil. Não é fácil explicar; só podemos apelar às vossas intuições. Mas isto voltamos a dizer: a Verdade espiritual dos Evangelhos é absoluta e está em perfeita harmonia com o Espírito; mas o Intelecto material pode esforçar-se em vão para encontrar provas substanciais da sua manifestação na Matéria.

Pela destruição da Matéria, o Espírito é por vezes renovado e evoluído; e a espiritualidade do Oriente — perdida nesta revolta da antítese da verdadeira Emoção — resultará, com o tempo, na sua ressurreição numa nova base de Razão. Mas não até que a causa da sua deserção seja removida.

Agora não há caminho para esta recuperação senão na destruição daqueles que estão em hostilidade à Ordem universal. Misericordiosamente, são poucos — embora poderosos devido à ignorância e à natureza vacilante das forças que controlam. Pela mesma razão, a recuperação será rápida e segura — mas a influência deve vir de fora, porque a influência contrária atua de fora. Deve ser dada ajuda. O sacrifício necessário deve ser feito; e a recompensa será grande em verdade.

A responsabilidade é também grande: e se, por um sentimento de “deixa estar” ou relutância em arriscar a tensão adicional que tal ação envolverá, as nações da Terra se abstiverem de intervir — o inimigo, o representante da Força, o Exemplar da Guerra, tirará vantagem de tudo.

Assim, o caos e a confusão desta grande nação podem ser convertidos ou numa poderosa força do Bem espiritual, ou podem ser seduzidos e degradados para serem o Malho nas Mãos de Thor para a destruição de todas as coisas.

Sobre a Segregação da Raça Escolhida

Já se fez alusão a um escrito recebido em 13 de março de 1918. Este escrito parece merecer alguma consideração adicional, que agora será dada. Foi adiada até este ponto, não só por causa da natureza especial do conteúdo, mas também porque deve ser analisada em conjunto com outra escrita recebida em 12 de julho, e só recentemente decifrada devido à sua natureza compacta e difícil.

Há uma variação perceptível na caligrafia de alguns escritos, e observou-se no caso dos escritos de Glastonbury que a caligrafia às vezes mudava com o tema do escrito. Pode ser apenas coincidência que os dois escritos de 1918 que mais destacadamente tratam do tema da Raça Escolhida destinada a reinar e governar na Nova Era sejam ambos de caráter excecionalmente difícil de decifrar. O escritor empenhou-se muito para cumprir esta tarefa, mas ainda assim não com total sucesso. Contudo, a paciência e perseverança foram em parte recompensadas e o sentido geral ficou claro.

Escrito de 13 de março

O Israel espiritual deve agora ser reunido e concentrado para o avanço do grande plano do Criador para elevar a Humanidade a uma condição mais espiritual, trazendo o Reino de Deus à Terra. A Nova Raça está, pela ascendência, ligada ao Israel antigo, já que as Tribos do número original se dispersaram pela Terra e misturaram-se com as nações exteriores. Mesmo nações de sangue absolutamente estrangeiro contêm assim aqueles que podem ser considerados herdeiros da Promessa. As nações que traçam a sua ascendência às tribos dispersas do antigo Israel encontram-se agora no Oriente e no Ocidente. Estas nações, portanto, tiveram sua parte na

evangelização dos povos do mundo. Mas algumas ainda são não regeneradas e não reconhecem a sua origem ou missão.

O nosso sangue é da Raça Escolhida, mas há muitos outros, incluindo nações ultramarinas. Alguns não cumpriram o seu papel no recente conflito e estes devem passar por purgação.

Paráfrase do escrito de 12 de julho
Com adições explicativas

Diz-se num escrito de 1 de junho que existem certas forças de natureza invisível que afetam a Matéria, que são, por assim dizer, o invólucro da Vontade e Intenção Divinas que controlam a Natureza. Entre estas, é importante o efeito do magnetismo do Sol, que induz um fluxo para oeste de todos os seres animados. A passagem do Sol sobre a Terra é comparada ao enrolar de uma vasta bobina magnética.

Os átomos superficiais do nosso globo estão polarizados num fluxo para oeste, e certos pontos na superfície da Terra desenvolvem-se. Estes “atuam como nós ou centros de força, e podem influenciar material e espiritualmente os povos que os habitam.” Voltando a um escrito de 26 de abril, surge uma descrição semelhante: “Este mundo é coordenado por Linhas e Gânglios de força espiritual — correntes oceânicas no mundo espiritual — movendo-se sempre sob influência espiritual através do éter impalpável e sugando através dos seus vórtices as partículas móveis ou átomos, cada um dos quais representa essa complexidade, o Homem.”

“O Homem, na sua natureza complexa, é movido por muitas influências de natureza material e geralmente só delas tem consciência nos seus impulsos de viajar e êxodos tribais. Não se apercebe que por detrás destas forças motivacionais materiais estão as formas e esquemas do desenvolvimento espiritual, instrumentos de um impulso maior além do seu alcance.”

Ainda mais cedo, numa escrita de 21 de abril, diz-se que no caso de locais como Atenas, Roma, Jerusalém (e Glastonbury também é mencionado), não é simplesmente o génio de um povo que explica o poder e influência desses nomes e lugares. Antes, as condições geográficas e naturais estavam em harmonia com aquelas condições especiais de génio “que cada raça particular personificava no Homem.” Cada unidade de uma raça é um Microcosmo do todo.

Daí a importância de agrupar uma nação em unidades, classes e massas; porque as características dos indivíduos são “amplificadas, duplicadas e tornadas um milhão de vezes mais poderosas pela associação.” O leitor pode agora consultar o escrito de 10 de julho, onde se afirma estranhamente que o Espírito da Raça reside mais no solo do que nos indivíduos que habitam o distrito.

Noutro escrito da mesma data, ainda só parcialmente transcrito e portanto não incluído nesta série, surge uma passagem que talvez seja permissível citar aqui, pois concerne a questão do livre-arbítrio individual versus racial, sendo uma curiosidade em si mesma: “Não há dúvida”, diz, “que o Criador está fortemente consciente da resistência da Matéria, e que à medida que a Matéria intensifica a vibração, a consciência de Cristo avança. Assim, Ele decide a questão do Livre-Arbítrio do Homem, e é difícil expressar isso. A verdadeira explicação deste problema é muitas vezes uma questão da vontade do Criador, que deseja a individualidade independente mais na Raça do que na ênfase pessoal dos seus tiranos.”

Volto a chamar a atenção para esta última declaração significativa. Como ela se adequa às fases mais recentes do pensamento filosófico, não posso julgar, pois não li obras modernas sobre o assunto. Passamos agora ao escrito de 12 de julho, que gostaria de expressar noutras palavras, sugerindo as minhas próprias impressões do seu significado.

Devemos compreender que as fronteiras geográficas (quando não arbitrariamente fixas) dependem de condições inerentes à vida racial, o Espírito da Raça estando geralmente confinado àquelas áreas especiais no campo magnético da Terra com as quais a raça particular associada a esse Espírito tem estado envolvida por longo tempo. A corrente de vida magnética induzida pela ação solar alimenta a Vida da Raça com a sua própria energia, especializada em cada lugar que é a Metrópole da vida racial.

A corrente magnética ou elétrica é o veículo desta energia nutritiva que tem origem espiritual e é criadora da vida em sentido geral. Mas este é apenas um dos dois modos de Involução espiritual, e é o modo mais externo. Não pode criar o Ser, no sentido de Alma ou Entidade individual. É a forma “prototípica” da descida espiritual na Matéria. Mas ajuda no processo de recolher, separar e focar a vida de uma raça em redor de um ou outro destes centros ou nós.

Uma vez na história do mundo, um povo inteiro, agrupado em torno de tal centro, desenvolveu uma individualidade racial, uma vontade racial e algo como uma consciência comum associada ao reconhecimento de Deus como Pai no sentido espiritual da Raça. O sentimento clânico de relação sanguínea ajudou a separar este povo do mundo exterior dos homens, e este processo foi ajudado pelos ensinamentos derivados de certos pensadores avançados entre eles, que atuaram como padrinhos da nova consciência que estava destinada a nascer em cada membro do clã.

Esta nova consciência trouxe finalmente a realização da responsabilidade moral e da liberdade de autodeterminação a cada um. O seu pleno cumprimento no indivíduo é descrito como o Nascimento do Cristo em cada um. A responsabilidade da nova consciência pessoal varia conforme o ambiente do indivíduo.

Se esta Raça nunca tivesse sido dispersa, não poderia ter desenvolvido todas as variedades de conquista espiritual, nem poderia ter impregnado toda a raça humana externa com o germe do novo princípio agora nascido nela. Mas estava destinada a fazê-lo, e assim, segundo o plano do Criador, foi dispersa pelo globo para levedar as massas dos homens e espalhar as sementes da consciência de Cristo pela Terra. Este é o propósito espiritual subjacente à segregação de Israel, e a Bíblia apresenta-nos o registo, de facto, e a parábola harmonizada com o facto e em concordância com ele.

Assim, a nova Consciência Espiritual no Homem, começando como um germinal minúsculo, como um grão de mostarda, no seu coração ou natureza emocional verdadeira, é finalmente trazida ao nascimento como uma consciência infantil, simbolizada como o Bebê na Manjedoura. “Duvidais,” diz o escrito, “que a Visão dos Pastores foi realmente uma verdadeira percepção da abertura de uma nova era na História do Mundo?”

O texto indica claramente que o Israel antigo foi instruído por Mestres e Guias designados divinamente. Estes, podemos ter certeza, pertenciam a uma ordem elevada da Humanidade avançada; indivíduos em quem a consciência espiritual estava plenamente desenvolvida. Tinham liberdade de escolha e podiam obedecer ou desobedecer. Aqui e ali, poderão ter sido infiéis à sua missão; mas sob a sua orientação não há dúvida de que a Raça evoluiu a Ideia e o Culto do Deus Único, o Pai da raça, e foi conseqüentemente capaz de criar entre os Filhos dos Homens um grupo apto a receber a Filiação do Espírito.

Surgem dois pontos em relação a este breve estudo das alusões nestes escritos à segregação e manifestação final de um Povo Escolhido.

(i) Quanto à ideia da segregação de uma Raça e à diferenciação do seu carácter e intuições religiosas sob condições naturais especiais e sujeitas à orientação de grandes Mestres, não poderemos encontrar nas conhecidas realidades da associação humana muitas analogias deste fenómeno?

Por exemplo: selecciona-se um local para uma escola pública, e encontra-se um Diretor que, no decorrer de alguns anos, consegue imprimir na instituição uma marca de individualidade, mesmo de personalidade não inteiramente sua, inculcando um forte sentido de esprit de corps que tende, após o seu tempo, a aumentar em vez de diminuir.

Até os próprios edifícios, por assim dizer, ficam impregnados com essa influência e modificam insensivelmente o carácter das gerações seguintes de alunos.

(ii) Na busca de luz sobre o obscuro problema da localização atual das tribos dispersas de Israel, não será possível que, abandonando os caminhos habituais da etnologia — neste caso uma linha de investigação algo estéril — as nossas investigações sejam proveitosamente dirigidas para uma análise dos

variados ideais religiosos e sociais prevalecentes nas várias áreas raciais que receberam uma impressão distintiva e característica através da pregação do Cristianismo, e que se estabeleça uma comparação entre estes e as características proféticas das Doze Tribos conforme relatadas em Génesis?

Para além das fronteiras do agrupamento racial semita original habitavam aqueles povos ferozes e belicosos cuja natureza pouco desenvolvida assimilaram apenas parcialmente as “influências mais suaves” nas quais se baseava a nova evolução do homem espiritual. Filisteus, Hititas, Assírios, poderemos pensar, entre muitos outros geograficamente ainda mais afastados, estavam entre estes. Como distinguir os seus equivalentes ou representantes modernos? O escrito dá-nos uma pista, na natureza do simbolismo religioso que empregavam respetivamente.

Israel tem um sistema tipicamente lunar de símbolos relacionado com os seus ideais religiosos, expressos nos seus sacerdotes, nos Tempos e Estações, no mobiliário do Templo, e de muitas outras formas. Em antítese a isto, devemos procurar evidências do culto do Sol e do simbolismo solar entre os “povos exteriores.” São duros, brilhantes, ferozes e mundanos — não espirituais, comparados com a Raça Escolhida.

O seu Deus é Baal, ou os seus representantes posteriores. Os leitores poderão seguir esta linha de investigação por si próprios. Recordemos o que é conhecido sobre o culto primitivo dos povos originais da Europa e do Próximo Oriente e, à luz destes vestígios, examinemos o carácter dos seus representantes modernos modificados pelo Cristianismo, juntamente com o tipo de culto e ideal cristão que desenvolveram.

Mas não devemos ter nenhuma falsa impressão quanto à intenção do escrito quando fala das nações que “até hoje carecem da influência mais suave” referida, pois o contexto dá a pista. Estas crescerão em verdadeira graça “espalhando-se por todo o mundo e absorvendo fisicamente o temperamento e o espírito das verdadeiras raças asiáticas.”

O uso da palavra “verdadeiras” neste contexto, se interpretarmos bem o escrito, implica que os filisteus modernos não são realmente asiáticos mas de origem europeia, suficientemente próximos em localização para serem assim considerados. A descrição aplicar-se-ia portanto bem ao otomano, búlgaro e eslavo báltico, e nesta categoria poderíamos talvez incluir os prussianos ou brandeburgueses, as tribos originais vendas e letãs que durante tanto tempo resistiram vigorosamente a todos os esforços de evangelização.

Escrito nº 12, 21 de agosto de 1918

Obtido em Sydenham Hill, Bristol, às 16h. A conversa anterior tinha sido inteiramente sobre assuntos arqueológicos e a Guerra não tinha sido

mencionada. J. A. segurava a pena, e F.B.B. lia em voz alta continuamente um artigo que tinha escrito sobre a Epístola aos Hebreus.

“Quando dissemos que o vinte e quatro de agosto (aprox.) veria o fim da ofensiva inimiga, falámos com uma consciência distinta da intenção espiritual; apenas a tendência da matéria em massa para reter as impressões que lhe são transmitidas pelo seu meio, segue a lei universal da vibração continuada por algum tempo após a cessação do impulso da subida.

Tenham isto em mente e não se enganem neste ponto: pode passar um ano inteiro antes que estes impulsos, absorvidos pela Matéria e transmitidos pelo seu instrumento para o vosso plano — para lá serem expressos — desapareçam no silêncio dos seus interstícios.

Mas aqui afirmamos e reafirmamos: a grande força do impulso já se esgotou e nunca mais será retomada.”

Citámos o dia vinte e quatro porque, nessa data — ou melhor, num período imediatamente a seguir — isto é, durante as sessenta e seis ou sessenta e oito horas imediatamente seguintes, tu, se perceberes corretamente os sintomas que te deveriam ser evidentes, não poderás deixar de perceber aquilo que inevitavelmente sucederá e do qual perceberás, de forma indubitável, que a maré espiritual desta grande ofensiva mudou final e irrevogavelmente.

A maré, uma vez a baixar, já não subirá, mas as ondas, embora na sua veemência intermitente possam alcançar a maré alta ou ultrapassá-la por um momento, serão apenas impulsos instantâneos ou momentâneos de um inimigo desesperado; e a verdadeira maré, afundando-se irrevogavelmente, baixando cada vez mais, acabará, num período de tempo (cujos limites indicam o momento e a ponderação da Matéria em concerto com o livre-arbítrio do Homem), por submergir no grande silêncio que não tem ondas, nem subida nem descida.

Que o Céu não permita que isto se transforme em estagnação e inércia inútil! — que a luta do Espírito contra isso não o faça enfurecer-se de novo! Observai, dizemos outra vez, observai! com o olhar do Espírito, e verás infalivelmente e compreenderás que nós, que falámos em resposta à vossa fé, não falamos sem conhecimento e autoridade.

Mais não podemos dizer, — mais não devemos dizer, — e, de facto, mais seria não só excessivo, como inoportuno e calculado para frustrar os fins do Espírito. Porque, de facto, aqueles que pensam materialmente poderiam virar isso para usos mesquinhos.

Coloridos pelas vossas esperanças e tingidos pela vossa individualidade — como vidros coloridos tingem os feixes puros de luz que os atravessam —, ainda que libertos pela Razão desta coloração, verás o puro e verdadeiro

resíduo em ti da verdade absoluta que está naquilo que podes pedir e que somos capazes de transmitir à tua conceção material.

Falamos verdadeiramente como espírito para espírito, e só na medida em que o teu espírito esteja afinado com um desejo altruísta de conhecimento para aplicar a bons fins. E mesmo assim, penetrando, é levado por vós mesmos por canais que, embora sejam caminhos experimentados e trilhados para nós, são ainda desconhecidos, ou pelo menos não apreciados, pelas limitações da vossa consciência humana.

Nós, por esses caminhos experimentados, embora desconhecidos, só podemos transmitir-vos esse germe do conhecimento subliminar do qual, no tempo de Deus, surgirá a grande Árvore da Compreensão, perfurando o empíreo com os seus inúmeros ramos, e absorvendo em cada poro essa consciência da Immanência espiritual que culminará com o tempo na EXISTÊNCIA EM DUAS ESFERAS — assim como a árvore da alegoria existe graças ao seu vestido verde e beijado pelo sol, em contraste com as suas raízes escuras e tortuosas escondidas sob o solo escuro da Matéria.

Não há necessidade de mais por enquanto; mas como estais duvidosos e ansiosos, dizemos isto... observai, confiai e acreditai! Em poucos dias saberão e compreenderão.

Nós, que somos conhecidos de vós nos conselhos dos Vigilantes na Esfera Radiante da Memória e Espírito Humanos Libertados, escrevemos assim nas vibrações responsivas do vosso próprio Espírito despertado.

Além das previsões tanto da guerra como do fim da guerra, com a sua extraordinária verificação factual, estas escritas automáticas são suficientemente notáveis por outros aspetos. A análise do carácter alemão e seu desenvolvimento posterior sob o stress de um materialismo inclusivo é exata, ainda que não contenha nada particularmente novo. Este processo era claro para muitos antes da guerra; agora é óbvio para todos.

As afirmações feitas de forma definitiva e constantemente reiteradas de que há muito nas raças teutónicas que não só é de valor essencial para o mundo, mas indispensável, e que a purgação da guerra libertará esta potência das suas amarras até agora inibidoras, tornando-a operativa e mesmo aliando-a aos povos civilizados do Ocidente para a última luta contra um mal maior até do que a guerra, é algo que, neste momento, dificilmente será bem aceite, embora tenha a razão sólida de homens desapegados por trás dela.

A previsão da rutura social subsequente à guerra está a ser confirmada pelos acontecimentos, e desejar-se-ia (admitindo a credibilidade das testemunhas misteriosas) que a questão da solução desta nova ameaça fosse menos aberta em relação ao tempo. A insistência das agências comunicantes no facto fundamental do livre-arbítrio, não só no homem mas em todo o processo da

vida, e a definição do tempo como apenas “a razão da resistência da Matéria à interpenetração do Espírito”, devem ser aceites independentemente da posição filosófica; e sendo assim, está claro que não é possível aproximar datas no momento, a questão está nas nossas mãos, só isso.

Ao longo das comunicações há muitas referências a alguma “Raça” com muitas ramificações, destinada a ser o próximo grupo étnico nas mãos do qual estará o desenvolvimento da próxima época da civilização. É lamentável que as próprias palavras e frases que especificam esta raça sejam absolutamente ilegíveis, e por enquanto a questão deve permanecer sem resposta. Em todo o caso, o testemunho é contra qualquer coisa aproximando-se do “Internacionalismo” e a favor de um nacionalismo definido e específico como necessidade primordial para o desenvolvimento do carácter pessoal e social.

A tendência hoje de expandir essa “democracia” que arruinou o governo e a sociedade modernos, postulando uma igualdade que não existe e negando qualquer elemento de seleção e escolha, tanto para raças como para indivíduos, colocando tudo no mesmo plano de valor social e potencial, é um dos maiores perigos do nosso tempo. É bom encontrar um pouco de bom senso nesta linha, mesmo que sejamos forçados, pela sua ausência noutros lugares, a encontrá-lo nas escritas automáticas de personalidades desconhecidas e provavelmente desconhecíveis.

Não que se oponham à democracia, mas aparentemente traçam a mesma linha entre “democracia do ideal e democracia do método”, indicada em “A Némesis da Mediocridade”, que estava a ser escrito precisamente quando estes escritos de F.B.B. e J.A. foram obtidos, embora este livro tenha sido publicado alguns meses antes dos escritos chegarem à América.

“Os Vigilantes” alertam tanto contra a cisão social e intelectual que divide a humanidade em dois — com uma pequena classe de eleitos de um lado e uma vasta massa proletária do outro — como contra “a chamada democracia que é a soberania invertida.” “Não temais a Democracia,” dizem eles, “se for propriamente liderada e instruída,” que é precisamente o ponto; pois, salvo breves períodos, ela nunca foi nem propriamente liderada nem instruída, nem deseja ser uma coisa ou outra.

Mal liderada, “a ignorância total da multidão, não contrariada por qualquer nobreza de instrução, cresceu como uma chama e varreu os grupos brilhantes,” sempre que no passado “o ciúme pela posse do conhecimento levou os homens a guardá-lo em cultos secretos e corpos de sociedades,” e assim é agora e assim será para sempre, a menos que o homem consiga a verdadeira Democracia.

Onde o falso é “aquela lei comum dos instintos mais baixos de ciúme, inveja e cobiça,” o verdadeiro está “fundado e baseado na fraternidade e no amor a Deus e ao homem; amor que penetra por cada poro não só da humanidade,

mas de toda a Criação — o Corpo manifesto de Deus; não com igualdade dos filhos de Deus — células do Seu Corpo Divino — mas desiguais em função do propósito.” Isto não é nem bolchevismo (antes pelo contrário), nem a democracia tal como agora é entendida, mas é algo muito sensato e é melhor expresso “naquele sistema superior do qual a Realeza e o seu sistema de governo acompanhante são o símbolo quase perfeito.”

As constantes afirmações de um reajustamento, até de uma revolução cataclísmica, em que o Ocidente está condenado a cair e o Oriente “a entrar no seu próprio lugar,” aparecendo desde a profecia da guerra de 1911 e continuando até ao escrito de junho de 1918, devem ser entendidas, parece, num sentido diferente do político, racial ou social.

A doutrina enunciada é que o homem, sendo composto de matéria e espírito, tem duas forças motrizes no processo de redenção material: intelecto e intuição, sendo o primeiro do Ocidente e passível de degenerar em puro materialismo, e o segundo do Oriente e isento desse perigo, mas sujeito ao isolamento e abandono sempre que o primeiro equilíbrio se perde.

O Ocidente abandonou-se, através da prostituição do intelecto, ao materialismo, e só através da guerra poderão os seus falsos padrões ser quebrados, os seus maus motivos purgados e a porta aberta para a reentrada daquela espiritualidade vitalizadora que é do Oriente e da alma do Oriente.

A restauração desse equilíbrio pela nova vinda dessa espiritualidade oriental é claramente prevista como resultado da guerra e sua razão de ser, e por isto se efetuará o reajustamento que tornará possíveis os “Grandes Dias de Cristo,” nos quais nascerá uma nova civilização — uma civilização com promessa de continuidade indefinida; pois esta será a última vez em que a matéria triunfará mesmo que temporariamente sobre o intelecto e o espírito.

O curioso paralelo entre este diagnóstico e a teoria do Professor Ferrero sobre os padrões quantitativos e qualitativos, a análise de Lisle March Phillipps das contribuições respetivas do Oriente e do Ocidente para a síntese social em “Forma e Cor,” e a exposição de M. Bergson da diferença e relações entre intelecto e intuição na sua “Evolução Criadora,” não escapará ao leitor.

Para mim, o ponto mais interessante é a correspondência entre os elementos filosóficos que se manifestam no “Escrito da Guerra de 1918” e o sistema geral da filosofia que foi finalmente aperfeiçoado na Idade Média ao longo das três linhas de São Tomás como representante da filosofia dominicana, Duns Scotus franciscano, e Hugo de São Vítor agostiniano. Talvez seja mais seguro dizer que a sugestão é antes das fontes das quais a filosofia medieval derivou — Plotino, Filo, Orígenes, ou mesmo as escolas anteriores dos Peripatéticos e dos Pitagóricos. A doutrina do “Martírio da Matéria” através do processo de redenção pela interpenetração do Espírito é particularmente marcante.

Uma doutrina semelhante é património comum de todos os grandes sistemas filosóficos, independentemente da sua data e origem, e as descobertas asseguradas da ciência moderna parecem forçar um regresso a esta ideia primordial. O postulado escolástico das rationes seminales em oposição à doutrina anterior de que a matéria em si é o nada, vazia de potencialidade inerente mas sujeita à transformação pela operação do Espírito que a penetra externamente, parece agora ter aberto a porta à concepção do século XIX da evolução cega; posição já não sustentável.

Segundo Plotino, “a Matéria é meramente o espaço que condiciona toda a existência corpórea; é uma pura possibilidade de ser, mero nada, e é identificada com o mal primitivo,” enquanto Filo disse o mesmo ao declarar que o mundo visível não é tanto o resultado da emanção, mas da aplicação do poder Divino à matéria pré-existente num estado caótico.

A matéria neste sentido é indubitavelmente a *Materia primo prima* de Duns Scotus, caos “sem forma e vazio,” a primeira reação da operação do Espírito sendo a forma sensível. A partir daqui, o processo de interpenetração espiritual é constante, embora provavelmente rítmico; e no fim, a Matéria, que, como ensinou Alberto Magno, não é eterna, é transformada, redimida, transubstanciada, e deixa de ser Matéria para ser Espírito. A redenção é, pois, não só o destino último do homem mas de todo o universo do qual a matéria é a modalidade.

Embora surpreendentes e mesmo sensacionais, as previsões da guerra, tendo em conta as lacunas, as aparentes inconsistências ocasionais, a tendência descendente para algo que se aproxima do sentimentalismo de vez em quando, o “Escrito da Guerra de 1918” encontra o seu valor principal nas suas possibilidades filosóficas. Em todo o caso, é um profilático bem-vindo às muitas filosofias pós-medievais, de Descartes, passando por Hobbes e Kant, até ao positivismo e pragmatismo.

O mundo não ganhou nada ao abandonar a filosofia sacramental da Escolástica (herdeira de todas as filosofias do passado desde o Neoplatonismo aos pré-platónicos) pelos sistemas intelectualistas-materialistas do modernismo. O mundo antes da guerra, a própria guerra e o caos presente do pós-guerra foram o resultado inevitável. O futuro, se quiser valer a pena, será construído sobre outros fundamentos.

NOTAS

Nota sobre o escrito de 1 de junho

Houve uma abertura das taças da força espiritual de um novo tipo por todo o mundo civilizado. O resultado deste surto de energias espirituais de natureza incomum foi, em primeira instância, criar uma confusão sem precedentes.

O efeito vê-se nos movimentos revolucionários, cujo interior não pode ser apreciado por uma mera observação externa ou temporal.

A Alemanha é descrita como possuidora de uma consciência racial muito bem organizada, imensamente forte em sentido material devido à sua estrutura coerente, mas em estado de coma espiritual. As suas forças espirituais foram absorvidas em atividades intelectuais de ordem corrupta, manifestando-se numa vontade nacional de capturar e dominar os dois mundos, da Mente e da Matéria, decretando a soberania da Kultur alemã e do Império alemão.

A verdadeira tarefa evolutiva da Alemanha é a manipulação e conquista de todas as forças da Matéria. Este é o seu dom, e o seu exercício legítimo é necessário para o cumprimento da grande Intenção do plano do desenvolvimento do Homem. Mas presentemente a intenção está pervertida devido à fissura na alma da Alemanha, que a separou da sua parte espiritual do seu eu material, e a sua inteligência aliou-se exclusivamente a este último. O seu Espírito apóstata vagueia para o leste em sonhos vagos enquanto a sua parte corporal pressiona para oeste em esforços frenéticos pela dominação material. Se não fosse por esta separação, teria alcançado infalivelmente as suas ambições.

Mas o seu fracasso em sentido material enfraquecerá tanto os elementos degradados da sua natureza que a sua parte melhor terá, em última análise, força para afirmar novamente o seu domínio sobre todo o corpo político, e isso será provocado pelos seus sofrimentos espirituais no Oriente, onde se amalgamará com toda a “espiritualidade inculta e descontrolada das raças orientais”.

Isto diz respeito à característica perversão da Alemanha das forças do Espírito para fins materiais. Por nosso lado, temos de estar alerta contra um perigo ainda mais subtil, que, se permitido continuar, paralisa as energias espirituais e põe fim a qualquer progresso ou realização adicional do Homem, produzindo uma condição estática de equilíbrio prematuro entre Espírito e Matéria, entre as forças do Bem e do Mal.

Esta tendência perigosa não se expressa em ação material, mas atua geralmente de forma oculta, buscando o compromisso das forças conflitantes, compromisso devido a uma concepção confusa dos fins espirituais derivada de um tipo de pensamento que, embora em essência espiritual, está enredado em todo o tipo de concepções materiais mais ou menos intelectualizadas. A

descrição aplica-se claramente àquelas almas brandas e vagamente benevolentes cuja concepção do triunfo espiritual começa e acaba com a ideia de um milénio terrestre de repouso, em que todas as espadas seriam prematuramente transformadas em arados e o leão deitaria com o cordeiro.

Eles não conseguem ver que o leão é ainda um leão e uma fera de rapina, e que mesmo deitado junto do cordeiro, as suas mandíbulas estariam a pingar com a saliva da expectativa. Também não compreendem que, onde o princípio espiritual está envolvido, não há, nem pode haver, compromisso, e nunca compreenderão que enquanto a vontade material do Homem permanecer em qualquer grau não convertida, a guerra espiritual deve continuar perpetuamente até que o equilíbrio seja finalmente invertido.

Eles estariam demasiadas vezes satisfeitos com um estado de equilíbrio, com um tratado formal planeado para assegurar o esquecimento de todas as discórdias e a eliminação de todas as memórias de injustiça. Nesta categoria enquadram-se aqueles que, ativa ou passivamente, e por qualquer motivo, seja humanitário ou pessoal, ideal ou degradado, simpático, covarde ou até simplesmente preguiçoso, procuram uma paz prematura. Eles estão, porém, involuntariamente, a abrir a porta à reação e ao refluxo das forças materiais frustradas, ameaçando assim a ruína e o desastre para toda a raça humana.

Para contrariar este erro espiritual e evitar a estagnação, o escrito diz-nos que um irritante cáustico é aplicado ao corpo das nações Aliadas. Este processo podemos observar na recrudescência das crueldades sem sentido por parte do inimigo, muito depois de qualquer objetivo militar concebível poder ser servido por elas mesmo do seu ponto de vista.

Violação, incêndio criminoso, assassinato e escravização; a tortura e fome de prisioneiros, e outras atrocidades demasiado numerosas para mencionar inflamaram finalmente a ferida que se tornara insensível e até as mentes mais pacíficas foram agitadas e galvanizadas para a oposição ativa.

Como exemplo típico desta extraordinária mudança, pode citar-se um único caso. Foi relatado no início de dezembro que um grupo de “objetores de consciência” que integravam um batalhão de trabalho em França ficaram tão horrorizados pelas crueldades e devastação que presenciaram que pediram para serem incorporados na linha de combate e tornaram-se os beligerantes mais ardentes.

Nota sobre o escrito de 13 de março

Pode demorar muito até que os acontecimentos sejam vistos na verdadeira perspetiva e o ponto de viragem do grande conflito seja claramente visível; mas temos agora, pelas palavras do Conde Hertling, poucos dias antes da sua morte, que as autoridades militares alemãs perceberam, em 18 de julho de 1918, que toda a esperança de vencer a guerra se tinha perdido. No entanto,

persistiram obstinadamente e na secção norte, o nosso maior ponto de perigo, a sua linha manteve-se bem até ao período do grande avanço britânico.

O ponto culminante deste forte movimento ofensivo foi alcançado a 26 de agosto, quando as forças britânicas penetraram nas linhas alemãs num amplo sector entre Arras e Albert. O seguinte excerto do Daily Mail de 26 de agosto, baseado no relatório de Mr. Beach Thomas, é significativo.

“As tropas britânicas conquistaram ontem a maior vitória britânica da guerra e no sábado, empurrando os alemães à sua frente numa ampla frente entre Arras e o Somme, avançaram rapidamente até às imediações de Bapaume, o principal centro rodoviário e ferroviário alemão na frente do Somme.”

E novamente, do próprio relatório, que citamos:

“Seja o que for que aconteça, o feito presente é já o seu próprio registo. A confiança e esperança alemãs estão destruídas como nunca antes, nem remotamente.”

Do relatório de Mr. H. Perry Robinson, publicado no Daily News a 26 de agosto.

“São dias grandiosos. Certamente terão um grande relevo na história, mas são certamente grandes para se viver... O avanço do nosso avanço é tão rápido que ninguém pode dizer onde estará a nossa linha avançada no seu conjunto a qualquer momento, pois a cada meia hora chega a notícia de que tal ou qual aldeia está nas nossas mãos...”

Os oficiais alemães capturados não tentam minimizar a gravidade da catástrofe... Todos praticamente parecem acreditar que a vitória final da Alemanha está agora fora de questão, embora, se os Aliados quiserem esmagá-la completamente, ela ainda possa lutar por pelo menos mais um ou dois anos.”

Um despacho da Reuters, publicado nos jornais americanos a 26 de agosto, é citado na pág. xvii.

As notícias do dia seguinte ao 26 foram geralmente moderadas no tom, mas o avanço das forças britânicas e aliadas continuou a partir desse momento e a maré do avanço alemão foi a partir daí travada, cessando finalmente de fluir para oeste.

ATESTADOS

Excerto do Daily Express de 14 de março de 1919

A PRÓXIMA GUERRA!

Vitória Aliada Estéril a menos que o Bolchevismo Seja Esmagado

O próximo conflito será entre os Aliados e os Bolcheviques... Se os Aliados falharem, o bolchevismo destruirá a cultura do mundo e as raças amarelas tornar-se-ão supremas. Esta é a profecia do General Hoffmann, da notoriedade de Brest-Litovsk, feita no decurso de uma entrevista notável com Mr. H. J. Greenwall, correspondente especial do Daily Express em Berlim. Há ironia no facto de esta imagem do terror russo ser traçada pelo homem que intimidou Trotsky a aceitar uma paz humilhante. O General Hoffmann acredita que, a menos que os exércitos de Lenine e Trotsky sejam esmagados agora, e rapidamente, a Entente perderá os frutos da sua vitória.

Os alemães no Reno temem o terror bolchevique tanto quanto o General Hoffmann.

Uma manifestação em Colónia foi fortemente favorável a um Estado tampão renano como barreira contra a Onda Vermelha.

Das observações detalhadas do General Hoffmann selecionamos o seguinte:

“Sem Lenine, a Entente nunca teria vencido a guerra. Mas a menos que o bolchevismo seja esmagado, a vitória dos Aliados será estéril, pois o triunfo do bolchevismo significa o fim da cultura mundial. O bolchevismo só pode ser esmagado pela força: é necessário um grande exército da Entente — marchando lado a lado com um exército alemão — para o esmagar. Deve ser feito, e feito depressa, ou será tarde demais.

Em resposta a uma pergunta sobre o desmantelamento do exército alemão, disse que contou a Herr Scheidemann que se o Kaiser saísse, o exército desmoronaria... a longa duração da guerra e a necessidade de homens também desempenharam um papel na queda do exército alemão. Até ao fim de agosto de 1918, Ludendorff pensava que a guerra estava ganha, e não mudou essa opinião até à ofensiva do General Mangin.

... Não deveríamos ter permitido que representantes bolcheviques viessem à Alemanha. Ludendorff estava com muita pressa para que eu fizesse a paz com os russos e telefonou-me instruções para fazer uma paz imediata, pois queria que as nossas tropas fossem retiradas da frente oriental para a ocidental...”

“Quando e onde terá lugar a próxima guerra?” perguntei como última questão.

“Se os estadistas da Entente forem inteligentes, a próxima guerra será entre os Aliados e os bolcheviques; caso contrário, o bolchevismo matará a cultura europeia e a raça amarela reinará suprema na Europa,” respondeu o General.

CÓPIA DE CARTA

DE

Sir William Barrett, F.R.S.

datada de 2 de abril de 1918

Caro Sr. Bond:

Estive fora da cidade alguns dias e a sua interessante carta, com o escrito automático desse dia (Sexta-feira Santa, 29 de março), chegou-me agora.

Antes de ler o escrito com a sua confiante afirmação de que “a maré mudaria no Domingo de Páscoa”, a primeira coisa que me chamou a atenção ao abrir o Westminster Gazette e outros jornais foi a manchete a maiúsculas: “A maré mudou no Domingo de Páscoa.”

Ou seja, o terrível receio que todo o país tinha pela grande ofensiva alemã durante março, e o seu transbordar de desastre para as nossas tropas, foi travado no Domingo de Páscoa.

Só podemos esperar e rezar para que a maré mude agora a nosso favor e que o Domingo de Páscoa possa provar ser o ponto crítico de viragem.

Quanto ao novo procedimento que adotou de ler em voz alta para o automatista de modo a que a sua mente fique interessada no que está a ler, e assim a sua atenção seja desviada do escrito — isto é um pensamento muito feliz e um excelente procedimento. O eu consciente está assim ocupado a pensar e a discutir o que lê, e o eu subliminar está mais livre para...

Com os melhores cumprimentos,

Assinado, W. F. BARRETT.

3 I. Devonshire Place, W.

2 de abril de 1918.

P.S. Por isso, o meu plano de vender os participantes nas experiências de Ouija tem sido tão útil. De facto, o participante recebe mensagens mais rápidas e coerentes quando está completamente vendado. Espero que possa continuar estes interessantes experimentos, valiosos sob todos os pontos de vista.

ATESTADO POR MISS MAUD WINGATE

Estive presente em algumas sessões entre março e dezembro de 1918, e posso atestar que a leitura do Sr. Bond era contínua e que a escrita do Sr. Alleyne também era contínua, rápida e muito uniforme em velocidade.

ATESTADO POR MRS. ELLEN PARFITT

Sou testemunha da data do escrito obtido em 13 de março de 1918, relativo ao fim da guerra, etc. Estive também presente noutras ocasiões durante a escrita e, em muitos casos, assinei o registo da data.

ATESTADO POR MR. JOHN ALLEYNE

Desejo informar os leitores que participei nestas sessões de escrita automática puramente por deferência à sugestão de Sir William Barrett, transmitida pelo meu amigo Sr. Bond, e sem qualquer ideia preconcebida quanto à natureza dos resultados. Não consigo reconhecer o escrito resultante como um reflexo apreciável de quaisquer noções minhas, e embora seja um leitor geral amplo e possua boa memória, frequentemente não consigo reter uma impressão mental clara destes escritos depois de me serem lidos.

É por natureza difícil para mim escrever uma carta ou manter uma conversa na presença de qualquer influência distraidora como música ou conversas de outros. Contudo, durante as nossas sessões, a minha atenção está totalmente focada na leitura do Sr. Bond, e sinto a minha mão mover-se de forma bastante independente da minha vontade. Nunca estudei filosofia a sério e não acompanhei os desenvolvimentos do pensamento teosófico moderno. Tenho tido pouca simpatia pelo Espiritualismo. A Ciência Aplicada e as Artes sempre me atraíram e os meus passatempos incluíram várias formas de desporto, juntamente com poesia e literatura.

Sou oficial reformado, conservador em política, embora simpatizante do atual movimento de Reconstrução.